



TEMPORADA 2025-2026

#ccbelem
@ccbelem
ccb.pt

#macccbalem
@macccb.museu
ccb.pt/macccb

#ccb_fabricadasartes
@ccb_fabricadasartes
fabricadasartes.ccb.pt

Este Programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

APÓIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM E MULTIMÉDIA



APÓIO INSTITUCIONAL AO
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO
DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



[Índice]

— 3 Editorial

4 — 14 Teatro

15 — 20 Dança

21 — 49 Música Erudita

22 — 24 Ópera

25 — 35 Orquestras

36 — 47 Ciclo Sexta Maior

35 — 47 Conferências Notas de Música

47 — 51 Concertos Comentados

51 — 53 Música no Museu

55 — 57 Há Fado no Cais

58 — 60 Jazz

— 61 Outras Músicas

62 — 68 Fábrica das Artes

68 — 69 Pensamento

70 — 73 Informações

Projetos Mediação

Theatre Green Book

Acessibilidades

Redes Internacionais

Informações Gerais

Nesta Nova Temporada, o Centro Cultural de Belém reafirma a sua vocação como casa de encontro entre arte, cultura e cidadania. Programar não é apenas apresentar espetáculos. É criar espaços de diálogo e de experimentação, num tempo em que a cultura se afirma como um bem essencial e uma ferramenta de coesão social.

O CCB é casa de criadores nacionais e de grandes nomes internacionais, um território onde tradições artísticas convivem com as linguagens mais inovadoras. Esta coabitação traduz-se numa programação diversa e num compromisso assumido com a acessibilidade e a sustentabilidade ambiental. Queremos ser uma instituição verdadeiramente inclusiva que oferece experiências significativas a públicos de diferentes origens, idades e interesses. Projetos de mediação como *Um Território Comum* ou o *Ministério do Sensível* aprofundam essa dimensão comunitária. A integração de boas práticas ambientais, que conduziram à adesão ao Theatre Green Book, demonstram que, hoje, programar é também pensar no futuro.

As escolhas artísticas da Temporada 2025–2026 refletem esta visão: a estreia de novas produções de ópera, as colaborações com orquestras nacionais e internacionais, o acolhimento de companhias de teatro e de dança que repensam o nosso tempo, bem como os projetos da Fábrica das Artes para infância e juventude, afirmam o papel central da cultura numa sociedade plural e democrática. Cada espetáculo é pensado não só pelo seu valor artístico, mas pelo diálogo que estabelece com os nossos públicos, privilegiando os cruzamentos artísticos – marca identitária do CCB.

Olhamos para esta Temporada confiantes de que a cultura tem o poder de transformar, aproximar e inspirar.

O Conselho de Administração do CCB
Nuno Vassallo e Silva Presidente
Madalena Reis Vogal

9 de setembro de 2025

Teatro



Teatro
Só Mais Uma Gaivota
Formiga Atómica
© Manuel Loureiro

Exposição
Diverse Laridae
Formiga Atómica
© Manuel Loureiro

Documentário
Gaivotas em terra
Formiga Atómica
© Juno



Teatro

Só Mais Uma Gaivota, Formiga Atómica

18 a 21, 25 a 28 setembro 2025

Pequeno Auditório

M/12

Acessibilidade: Sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa Integrada nos dias 19, 21, 25 e 27 de setembro

«O Konstantin Gavrilovitch matou-se com um tiro.»

Assim terminou *A Gaivota*, de Anton Tchekhov. Depois desceu o pano e o público presente na sala aplaudiu, entusiasmado, o desempenho daqueles jovens atores e atrizes, cenógrafos e figurinistas, técnicos e produtores. Estavam a terminar o curso de teatro.

Tal como Konstantin Gavrilovitch, abraçavam expectativas e angústias em relação ao seu futuro enquanto artistas. Alcançariam a visibilidade que os colocaria no centro do palco, no encalce de novas formas ou, pelo contrário, estariam à beira do suicídio do seu projeto profissional?

Vinte anos depois, Miguel Fragata — um desses jovens atores — parte em busca do destino dos seus colegas e recupera fiapos das personagens, procurando imaginar a continuação do IV ato do texto de Tchekhov.

A partir do terreno híbrido da ficção e da realidade, surge o espetáculo *Só Mais Uma Gaivota*, onde se entrelaçam as histórias dos artistas feitos personagens, depois de descido o pano e escrita a palavra «fim».

Só Mais Uma Gaivota deu origem a diversos objetos paralelos. Numa primeira fase, no Dia Mundial do Teatro, realizou-se a **conferência Bandos de Gaivotas** que propôs um olhar para o passado, auscultando a memória das diversas montagens do texto de Tchekhov, e a **leitura encenada Uma Gaivota Comme Il Faut**, que trouxe à vida o texto original de Tchekhov, numa abordagem partilhada com o público. Agora, numa segunda fase, o espetáculo *Só Mais Uma Gaivota* verá a sua estreia acompanhada pela **exposição Diverse Laridae**, que desafiou jovens artistas de outras linguagens a um trabalho profundo sobre o texto e a sua pertinência no presente, e pelo **documentário Gaivotas em Terra**, que resulta de um conjunto de entrevistas a cada um dos atores que fizeram parte da montagem de *A Gaivota* no final de curso de Miguel Fragata, na ESMAE.

Texto **Inês Barahona** e **Miguel Fragata**, com excertos de *A Gaivota*, de Anton Tchekhov, na tradução de **Fiamma Hasse Pais Brandão** Encenação e Interpretação **Miguel Fragata** Interpretação Integrada em Língua Gestual Portuguesa **Valentina Carvalho** (em dias de sessões acessíveis) - Assistência de Encenação **Beatriz Brito** Música **Hélder Gonçalves** Cenografia **Fernando Ribeiro** Desenho de Luz **Rui Monteiro** Figurinos **José António Tenente** Desenho de Som **Nelson Carvalho** Operação de Som **Tiago Correia** Direção Técnica e Operação de Luz **Luís Silva** Construção de Cenografia **Josué Maia** e **Aldina Jesus** Vídeos e Fotografia de Divulgação **João Gambino**, **Manuel Loureiro**, **Gonçalo Costa Rebelo** e **Sofia Bernardo** Comunicação **Mafalda Guedes Vaz** Produção Executiva **Luna Rebelo** e **Sofia Bernardo**

Produção **Formiga Atómica** Coprodução CCB – Centro Cultural de Belém, CAAA – Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Centro Cultural de Lagos, RTP – Rádio e Televisão de Portugal, Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery, Teatro Ribeiro Conceição, Teatro Sá da Bandeira – Santarém e Théâtre du Point du Jour Parcerias CET - Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) / Teatro Helena Sá e Costa (THSC), Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC)

Agradecimentos **Pedro Andrade**, **Ivo Meco**, **Anabela Almeida**, **Catarina Requeijo**, **João Moreira da Silva**, **João Sousa**, **Teresa Gentil**, **Vasco Barroso**

A **Formiga Atómica** é uma entidade apoiada pela **República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes** e pela **Câmara Municipal de Lisboa / Polo Cultural Gaivotas | Boavista**

Exposição

Diverse Laridae, Formiga Atómica

18 a 28 setembro 2025

Corredor do Pequeno Auditório

No dia 20 de setembro, das 16h às 18h, terá lugar uma visita guiada à exposição. A entrada será livre.

Diverse Laridae evoca o nome científico da gaivota e a sua diversidade de espécies. Foi esse o mote para um convite a cinco jovens artistas de diversas áreas para mergulhar conjuntamente no texto original de Anton Tchekhov, *A Gaivota*, para o fazer dialogar com o mundo de hoje.

Que provocações e sentidos encontram estes jovens artistas nas palavras do autor russo? E de que forma respondem a elas? Cada artista produziu um objeto, uma peça, um elemento, como resposta a essa provocação. Nenhum deles falou com nenhum dos outros envolvidos, preparando assim um *blind date* final. Apenas no dia de estreia da peça *Só Mais Uma Gaivota* será possível ver a coleção de objetos resultantes desta investigação, sendo inaugurada a exposição que lhe dará corpo.

Curadoria **Federico Rudari**

Artistas Seleccionados **Amanda Triano, Bruno José Silva, Cheila Garcia, Sara Leme, Sara e Tralha**

Conceção e Direção do Projeto **Inês Barahona e Miguel Fragata** Fotografia de Divulgação **Manuel Loureiro**

Edição de Fotografia de Divulgação **Gonçalo Costa Rebelo e Sofia Bernardo** Comunicação **Mafalda Guedes Vaz**

Produção Executiva **Luna Rebelo e Sofia Bernardo** Produção **Formiga Atómica**

Coprodução CCB – Centro Cultural de Belém, CAAA – Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Centro Cultural de Lagos, Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery, RTP – Rádio e Televisão de Portugal, Teatro Ribeiro Conceição, Teatro Sá da Bandeira – Santarém e Théâtre du Point du Jour

Parcerias CET – Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) / Teatro Helena Sá e Costa / THSC, Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) Apoios Minho Advanced Computing Center (MACC), Boleado, Pedro Valadares

Agradecimentos **Alessandra Ferrini, Allegra Zanirato, Ana Campos (MUHNAC), Beatriz Brito, Bruno Santos, Catarina Jesus, Carlos Cardoso, Damião Silva, Gui e Inês, Ivo Meco, Joel Pereira, Lucas Almeida, Luís Coelho, Maria do Carmo Elvas (Núcleo de Património e Coleções do MUHNAC), Mattia Tosti, Pedro Andrade (MUHNAC), Pedro Melo Alves, Raimundo Cosme, Rita Vieira, Rui Silva (MACC), Tiago Correia, V Print - Produção de Imagem Lda.**

Documentário

Gaivotas em Terra, Formiga Atómica

27 setembro 2025

Black Box

Classificação etária: A classificar pela CCE

ESMAE, turma de teatro, 2005.

Quando Miguel Fragata e os seus colegas de turma subiram ao palco para a sua produção final de curso – uma encenação de João Pedro Vaz de *A Gaivota* –, estavam repletos de incertezas e expectativas em relação ao futuro. Terminado o IV ato e fechada a cortina, começou a vida. Tendo todos partido do mesmo ponto, onde estão hoje, 20 anos depois? Que percursos terão desenhado as suas vidas?

Gaivotas em Terra é um conjunto de entrevistas filmadas aos atores que compunham o elenco de há duas décadas. Acompanhadas das imagens que resistiram ao tempo, contaminadas pelo espírito do texto de Tchekhov, sobre estas entrevistas paira sempre uma Gaivota.

Realização **JUNO** Com a participação de **Alexandra Miranda, Ana Monteiro, Carmo de Sousa, David Santos, Helder Guimarães, Inês Lopes, João Pedro Correia, José Ferreira, Marta Inocentes, Miguel Fragata, Rodrigo Santos, Susana Madeira e Tânia Dinis** Conceção e direção do projeto **Inês Barahona e Miguel Fragata** Assistência de produção **Beatriz Brito** Comunicação **Mafalda Guedes Vaz** Produção executiva **Luna Rebelo e Sofia Bernardo** Produção **Formiga Atómica**

Coprodução Centro Cultural de Belém, CAAA – Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Centro Cultural de Lagos, Cine-Teatro Constantino Nery – Teatro Municipal de Matosinhos, RTP – Rádio e Televisão de Portugal, Teatro Ribeiro Conceição e Théâtre du Point du Jour

Parcerias Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo/Teatro Helena Sá e Costa, Museu Nacional de História Natural e da Ciência

Agradecimentos **Casa Brava, Museu da Carris**

Formiga Atómica Direção Artística **Inês Barahona e Miguel Fragata** Produção **Luna Rebelo e Sofia Bernardo** Comunicação **Mafalda Guedes Vaz**

Exposição

liberaLinda, Teatro O Bando

15 a 19 outubro 2025

Foyer do Grande Auditório e Praça CCB

O projeto *liberaLinda* surge no ano em que o Teatro O Bando celebra 50 anos de vida como grupo de Teatro, os quais não podem ser dissociados da celebração dos 50 anos da Revolução de Abril, que está na génese da companhia.

Reuniu-se um conjunto de ações que procuram revisitar com os olhos de hoje alguns momentos do Teatro O Bando. Para além de uma Intervenção Teatral, *liberaLinda* é também composta por duas instalações cenográficas e um documentário: *traVessia*, que acolhe a exposição de 24 figurinos que marcaram o percurso do grupo, suspensos ao ar livre, numa homenagem às atrizes, atores e figurinistas que passaram pelo O Bando; *madruGada*, estrutura penetrável com diapositivos alusivos aos 48 anos de ditadura; e *oKupação*, documentário realizado por Rui Simões a partir da ocupação teatral da redação da TSF, que teve lugar a 24 de abril de 2014.

liberaLinda, no seu conjunto de ações, permite ao Teatro O Bando fazer uma viagem onde somos conduzidos por estímulos visuais, pelas palavras que ouvimos, pelas palavras que encontramos escritas, pelos sons, toques e imagens que nos são apresentados e que nos levam a questionar a ideia de uma memória viva que nos acompanha.

liberaLinda é assim um percurso de polifonias, imagens breves e perenes que constituem um arquivo vivo de textos, artistas, vozes e corpos que caminham na relação com o espectador.

liberaLinda é um projeto desenvolvido com o apoio da Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril.

traVessia

traVessia é uma cenografia concebida a partir de uma exposição dos figurinos que marcam o longo percurso do Teatro O Bando, agora suspensos ao ar livre em picotas que os elevam para evidenciarem aquelas roupas que, como uma espécie de pele, caracterizam as personagens. Os corpos dos atores deram origem ao vazio de imaginários manequins. Os tecidos moldam uns corpos que já não estão lá, mas que continuam a evocar a sua real existência e assim permanecem emplumados, preenchidos e presentes. São cinco décadas ancoradas em personagens que emergem dos textos de dezenas de escritores portugueses que, ao ar livre, podem agora dialogar com as árvores e o espaço público onde se irão instalar.

Cenografia **João Brites e Rui Francisco**. Construção cenográfica **JSVC**. Construção corpos suspensos **Dora Sales, Brenda Martins e Fátima Santos**. Coordenação de construção dos corpos e figurinos **Clara Bento**. Figurinos de **Clara Bento, Jasmin de Matos, Jaime Azinheira, Maria Matteucci, Mariana Sá Nogueira, Rafaela Mapril, Vera Castro e Catarina Fernandes**. Montagem **Vítor Santos, Fabian Bravo, Diogo Ribeiro**.

oKupação

Documentário realizado por Rui Simões numa produção da Real Ficção a partir da ocupação teatral da redação da TSF que, no dia 24 de abril de 2014, integrou as comemorações de 40 anos da Revolução e do Teatro O Bando. Nesse dia, sem aviso prévio aos ouvintes, a Rádio TSF convidou o Teatro O Bando a tomar conta da emissão da manhã durante cerca de 90 minutos. Sob direção de João Brites, 24 atores, 16 músicos e dezenas de participantes entraram na redação armados de palavras e de música para proclamarem o direito à voz, à palavra, ao protesto e à livre manifestação de quem se serve dos poemas e dos romances dos nossos escritores para falar do presente, confundindo, propositadamente, a realidade da ficção com a realidade quotidiana.

Realização **Rui Simões**. Imagem e som **Rui Simões Sofia Ferreira**. Montagem **Pedro Tavares, Neuza Nogueira e Ana Teresa Rodrigues**. Misturas som **Tiago Inuit**. Correção de cor **Ana Teresa Rodrigues**. Genérico e grafismo **Neuza Nogueira e Sofia Ferreira**. Música **Uma Pátria (a partir do Poema de Eugénio de Andrade)**. Tradução **Joana Lima Martins**. Direção de produção **Jacinta Barros**. Uma produção **Real Ficção**. Uma ideia de **Fernando Alves com a colaboração da direção da TSF**. Uma criação **Teatro O Bando**. Encenação e coordenação artística **João Brites**. Assistência de encenação **Miguel Jesus**. Composição e direção musical **Jorge Salgueiro**. Cenografia **Rui Francisco** Figurinos e adereços **Clara Bento**. Atores e atrizes **Ana Brandão, Ana Lúcia Palminha, Antónia Terrinha, Bibi Gomes, Bruno Huca, Cândido Ferreira, Estêvão Antunes, Fátima Santos, F. Pedro Oliveira, Gonçalo Amorim, Guilherme Noronha, Horácio Manuel, Joana Manaças, Juliana Pinho, Nicolas Brites, Nuno Nunes, Paula Só, Pedro Gil, Raul Atalaia, Rita Cruz, Rosinda Costa, Sara Belo, Sara de Castro, Susana Blazer e Suzana Branco**

Teatro

Agustinópolis, Teatro O Bando e Associação Setúbal Voz

17 a 19 outubro 2025

Grande Auditório

M/12

Agustina Bessa-Luís e o Teatro O Bando nasceram a 15 de outubro. Partindo dessa feliz coincidência, e do convite de Mónica Baldaque e da Comissão Organizadora do Centenário de Agustina Bessa-Luís, o Teatro O Bando e a Associação Setúbal Voz uniram-se para criar um espetáculo operático e teatral, com encenação de João Brites e composição musical de Jorge Salgueiro, que pretende celebrar a incontornável obra da autora.

Partindo de excertos de diversos livros, em *Agustinópolis* encontramos uma miríade de personagens em trânsito que procuram uma nova terra onde possam fundar uma família ou dar início a um país. Muitas vão em busca de um sentido para as suas vidas, gritam, cantam, zangam-se, outras tentam conter as suas



Exposição
liberaLinda
Teatro O Bando
© Rita Santana

Teatro
Agustinópolis
Teatro O Bando
© DR

Teatro
Ansioliticamente falando
Raquel Castro
© DR



pulsões mais ou menos controláveis, geram tensões e conflitos difíceis de apaziguar. Por vezes seguem num sentido próprio e individual, outras vezes confrontam-se com a necessidade de interagir coletivamente, refugiam-se no lugar que ajudaram a erguer como se de um ninho de escaravelhos se tratasse. Esforçam-se por sobreviver, forçam-se a coabitar. E assim vão desenhando uma comunidade que a cada instante está prestes a sucumbir sob o peso das raivas comezinhas e da desconfiança mútua.

Textos **Agustina Bessa-Luís**. Dramatografia e encenação **João Brites**. Composição e direção musical **Jorge Salgueiro**. Dramaturgia e assistência de encenação **Miguel Jesus**. Assessoria literária e dramática **Maria João Reynaud e João Luíz**. Cenografia **Dora Sales e João Brites**. Coreografia e corporalidade **Iolanda Rodrigues**. Figurinos **Catarina Fernandes**. Desenho de luz **João Cachulo**. Desenho de som **Miguel Lima**. Atores **Bibi Gomes, Joelle Ghazar, Juliana Boyko, Juliana Pinho, Nicolas Brites e São Nunes**. Cantores **Constança Melo, Diogo Oliveira, Helena de Castro, Lucas Taumaturgo e Mariana Chaves**. Pianista **Tiago Mileu**. Participação **Coro Setúbal Voz**. Figurantes a designar. Cocriação **Teatro O Bando e Associação Setúbal Voz**. Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João, Fórum Municipal Luísa Todi, Centro Cultural Vila-Flor**. Iniciativa **Mónica Baldaque e Comissão Organizadora do Centenário de Agustina**

***Ansioliticamente falando*, Raquel Castro**

1 e 2 — 4 a 9 novembro 2025

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa no dia 9 de novembro

Para fugir de si mesma, Raquel achou melhor não fazer mais um espetáculo autobiográfico. Decidiu então encenar a peça *A Gaivota*, de Anton Tchekhov. O plano parecia estar a correr bem quando voltou a dar de caras consigo mesma. Por mais que tente, a Raquel não se consegue ver livre dela. A sua vida está por toda a parte. Até em Tchekhov.

Ansioliticamente falando é a mais recente criação de Raquel Castro, na linha de espetáculos anteriores como *A Morte de Raquel* ou *As Castro*.

Direção artística **Raquel Castro**. Texto **Raquel Castro, com excertos de Anton Tchekhov**. Interpretação **Paulo Pinto, Pedro Baptista, Joana Bernardo, Sara Inês Gigante e Raquel Castro**. Apoio à criação **Sara Inês Gigante**. Apoio à dramaturgia **Pedro Gil**. Luz **Tiago Coelho**. Cenografia **Joana Subtil**. Vídeo **João Gambino**. Direção de produção **Ana Gusmão**. Gestão e administração **Mariana Venes**. Parceiros *media* **AbrilAbril, Antena 2**. Coprodução **Razões Pessoais, Centro Cultural de Belém, Teatrocine de Torres Vedras, Teatro-Cine de Pombal**

9

Razões Pessoais é uma estrutura residente na Companhia Olga Roriz e financiada pela República Portuguesa - Governo de Portugal.

***Tebas Land* de Sergio Blanco** **Encenação de Rubén Sabbadini**

13 a 16 novembro 2025

Black Box

Classificação etária: A classificar pela CCE

Num campo de basquetebol, dentro de uma prisão, um dramaturgo visita um jovem condenado por parricídio. A proposta cénica: o próprio detido representar-se numa peça de teatro baseada na sua história. Quando as autoridades impedem a sua saída da prisão, um ator é chamado para ocupar o seu lugar em cena — e é aí que a fronteira entre realidade e ficção começa a esbater-se.

Tebas Land é a primeira obra da *Trilogia Sul Americana*, projeto do encenador argentino Rubén Sabbadini, que se propõe a apresentar textos centrais do teatro contemporâneo latino-americano. O texto é de Sergio Blanco, um dos dramaturgos mais encenados da atualidade, e já foi premiado em vários países. A obra investiga as fronteiras entre realidade e ficção, apresentação e representação.

Dramaturgia **Sergio Blanco**. Direção artística e encenação **Rubén Sabbadini**. Atores **Vítor de Andrade e Cláudio de Castro**. Cenografia e desenho de luz **Tiago Cadete**. Vídeo **Pedro Paiva**. Direção de produção e gestão **Marta Moreira/Irreal**. Produtora executiva **Daniela Leitão**. Tradução **Marta Moreira**. Coprodução **Centro Cultural de Belém**. Apoio **Embajada de Uruguay en Portugal**. Apoio Institucional **Projeto Financiado pela República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes**

Seminário

Autoficção: o desvanecimento do eu, Sergio Blanco

15 novembro 2025

Sala Lopes-Graça

Entrada livre, com emissão de bilhete, sujeita à lotação da sala.

Autoficção: o desvanecimento do eu é um seminário proferido por Sergio Blanco sobre o tema da autoficção nas artes performativas e os múltiplos desafios, riscos e problemas que este tema do dizer-se em palco implica e propõe.

Este seminário realiza-se a propósito da apresentação do espetáculo *Tebas Land*, de Sergio Blanco, com encenação de Rubén Sabbadini, de 13 a 15 de novembro, na Black Box.

LACRIMA

Caroline Guiela Nguyen

9 e 10 janeiro 2026

Grande Auditório

Interpretado em francês com cenas em tâmil, inglês e língua gestual. Legendado em português.

Classificação etária: A classificar pela CCE

Estamos em Londres, em 2025. Tudo começa com um noivado — o da Princesa de Inglaterra, que encomenda o seu vestido de casamento a uma prestigiada casa de alta-costura francesa, situada no número 8 da Rue du Faubourg Saint-Honoré, em Paris.

Passo a passo, o espetáculo acompanhará todas as mãos que darão forma a essa criação. Durante oito meses, seguiremos o processo de confeção de um vestido destinado a entrar na História. Um processo que, sendo uma encomenda real e de alta-costura, decorre sob rigorosas cláusulas de confidencialidade.

Iremos, assim, de uma casa parisiense de alta-costura a um *atelier* de bordados em Mumbai, até à oficina de renda em Alençon.

Três universos ligados pelo trabalho, pelo saber-fazer e pelo segredo.

Três *ateliers* onde a violência emerge entre os fios de linho e de algodão.

Três *ateliers* onde mulheres e homens têm o corpo quebrado pelo trabalho e por histórias herdadas e mantidas sob silêncio.

Sem nunca esquecer o saber-fazer destes artesãos, sem nunca esquecer a força do que têm nas mãos, o espetáculo colocará, a cada instante, esta questão: no silêncio imposto pelo segredo, que espaço existe entre o que nos destrói e o que nos preserva?

Escrito e encenado por **Caroline Guiela Nguyen**. Traduções em língua gestual francesa, inglês e tâmil por **Nadia Bourgeois, Carl Holland, Rajarajeswari Parisot**. Com **Dan Artus** (em alternância com **Eric Caruso**), **Dinah Bellity, Natasha Cashman, Charles Vinoth Irudhayaraj, Anaele Jan Kerguistel, Maud Le Grevellec, Liliane Lipau** (em alternância com **Michèle Goddet**), **Nanii, Rajarajeswari Parisot, Vasanth Selvam**. Em vídeo **Nadia Bourgeois, Charles Schera, Fleur Sulmont**. E as vozes de **Louise Marcia Blévins, Béatrice Dedieu, David Geselson, Jessica Savage-Hanford, Maya S Krishnan**. Colaboração artística **Paola Secret**. Cenografia **Alice Duchange**. Figurinos e peças de costura **Benjamin Moreau**. Desenho de luz **Mathilde Chamoux, Jérémie Papin**. Som **Antoine Richard**, em colaboração com **Thibaut Farineau**. Música original **Jean-Baptiste Cognet, Teddy Gauliat-Pitois, Antoine Richard**. Vídeo **Jérémie Scheidler**. *Motion design* **Marina Masquelier**. Cabelos, perucas e maquilhagem **Émilie Vuez**. *Casting* **Lola Diane**. Direção de cena **Stéphane Descombes, Xavier Lazarini**. Estágios de dramaturgia **Louison Ryser, Tristan Schinz** (estudantes da Escola do TnS, Grupo 48). Estágio de encenação **Iris Baldoureaux-Fredon**. Estágio de som **Ella Bellone**. Assistência de dramaturgia **Hugo Soubise**. Consultoria artística **Juliette Alexandre, Noémie de Lapparent**. Música gravada **Quatuor Adastra** — quarteto de cordas. Legendagem **Panthéa**

O cenário, os figurinos e os bordados foram criados nas **oficinas do TnS**.

Estreia **30 de maio de 2024, no Wiener Festwochen | Freie Republik Wien** **LACRIMA**, de **Caroline Guiela Nguyen**, está publicado pela **Actes Sud**. Produção **Théâtre National de Strasbourg**. Coprodução **Festival TransAmériques; La Comédie – Centro Dramático Nacional de Reims; Points communs – Nova Cena Nacional de Cergy-Pontoise; Théâtres de la Ville de Luxembourg; Centro Dramático Nacional de Madrid; Piccolo Teatro di Milano – Teatro d'Europa; Wiener Festwochen | Freie Republik Wien; Théâtre National de Bretagne, Centro Dramático Nacional; Festival d'Avignon; Les Hommes Approximatifs**. Com o apoio do **Institut Français**, no âmbito do programa **IF Export 2025**. Com a colaboração do **Odéon – Théâtre de l'Europe, Théâtre Ouvert – Centro Nacional de Dramaturgia Contemporânea (CNDC), Maison Jacques Copeau, Musée des Beaux-Arts et de la Dentelle d'Alençon, Atelier–Conservatoire National du Point d'Alençon, Institut Français de New Delhi, e da Alliance Française de Mumbai**

TITUS

Estrutura

16 a 18, 23 a 25 janeiro 2026

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Sessão para escolas dia 22 janeiro

TITUS parte da peça *Titus Andronicus*, de William Shakespeare, uma das suas primeiras tragédias, marcada por uma violência extrema e por temas como o trauma de guerra, o desejo de vingança, a relação com o poder, a autocracia, a misoginia e a ausência de limites para atingir um fim, seja ele político ou pessoal.

Cátia Pinheiro e José Nunes juntam-se a Hugo van der Ding para revisitar esta obra marcada pelo excesso — de violência, de sangue, de desejo de poder —, explorando a sua perturbadora atualidade, num tempo onde a violência ressurgue com novos rostos, sob discursos autoritários de guerra justa e paz imposta pela força, e em que se normaliza a violência como forma de resolução de conflitos. Mais do que uma reinterpretação, esta criação propõe um olhar crítico sobre o modo como os mecanismos de poder, vingança e desumanização permanecem ativos — e até naturalizados — na sociedade contemporânea. A intemporalidade de *Titus Andronicus* reside precisamente na sua capacidade de expor o lado mais sombrio da condição humana. Shakespeare, ao colocar a violência no centro do drama, não a celebra — revela-a. E, ao fazê-lo, convida-nos a reconhecer os ecos dessa barbárie no nosso próprio tempo.

Encenação **Cátia Pinheiro e José Nunes**. Adaptação **Cátia Pinheiro, Hugo van der Ding e José Nunes**. Interpretação **Cátia Pinheiro, Crista Alfiante, Maria Inês Peixoto, Pedro Frias, Roldy Harrys, Rui Maria Pêgo, Tiago Jácome e Tita Maravilha**. Cenografia **Cátia Pinheiro**. Desenho de luz **Daniel Worm d'Assumpção**. Música e sonoplastia **Vasco Zentzua**. Figurinos **Jordann Santos**. Assistência à criação **Maria Inês Peixoto**. Consultoria científica **Joana Ricarte**. Consultoria dramaturgical **Maria Sequeira Mendes**. Apoio e construção da cenografia **Igor Pittella**. Coordenação de produção **Inês Carvalho e Lemos**. Comunicação e produção executiva **Romana Naruna**. Coprodução **Estrutura, Centro Cultural de Belém e Teatro Nacional São João**

Um Inimigo do Povo

Marco Martins

13 a 15 março 2026

Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa no dia 15 de março, às 17 horas, no Grande Auditório.

Quando Marco Martins ponderava trabalhar a partir de *Um Inimigo do Povo*, de Ibsen, como um desenvolvimento lógico do seu interesse pelo conflito entre o indivíduo e o coletivo — um tema central na sua criação —, a 19 de dezembro de 2024, a Polícia de Segurança Pública (PSP) realizou uma operação especial de prevenção criminal na Rua do Benfornoso, em Lisboa. Esta artéria é habitada e frequentada, maioritariamente, por imigrantes do subcontinente asiático, em particular do Bangladesh. A rua foi encerrada e cerca de 60 pessoas foram forçadas a encostar-se à parede, com as mãos sobre a cabeça, durante cerca de duas horas. Os seus corpos foram obrigados a manter uma posição fisicamente extenuante e, simultaneamente, a esconder os rostos.

Altamente dependente da imigração, a economia europeia viu uma eleição após outra confirmar a centralidade da migração e da segurança fronteiriça nas discussões públicas. Os partidos tradicionais foram forçados a adotar posições mais restritivas, numa tentativa de acalmar o medo e a ansiedade alimentados por uma retórica xenófoba e populista. Uma análise dos números revela, de facto, uma situação desafiante, com a União Europeia a enfrentar o maior número de pedidos de imigração desde 2016 — uma pressão significativa sobre os sistemas de processamento, alojamento, serviços e, por consequência, integração. Este emaranhado de políticas pouco fez para travar o número crescente de pessoas deslocadas no mundo que se dirigem à Europa em busca de segurança e estabilidade económica. Esta incoerência política, aliada a fluxos irregulares flutuantes, tem sido explorada por partidos populistas que propagam a ideia de que os governos perderam o controlo da soberania e já não conseguem proteger as suas populações. As imagens tornaram-se virais e espoletaram um debate sobre a legitimidade da operação e os meios utilizados.

Tendo como ponto de partida a imagem daqueles corpos indefesos privados de dignidade, Marco Martins propõe uma reflexão sobre a forma como os media e os partidos políticos de várias esferas manipulam



Teatro
Tebas Land
de Sergio Blanco
Encenação de
Rubén Sabbadini
© Zed

Teatro
LACRIMA
Caroline Guiela
Nguyen
© Jean Louis Fernandez

Teatro
TITUS
Estrutura
© Cátia Pinheiro



a imagem destas pessoas sem jamais lhes dar verdadeiramente voz. Como tem sido prática recorrente na extensa carreira de Marco Martins no trabalho teatral com comunidades específicas, o espetáculo — fruto de um convite da Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura, com a coprodução e cumplicidade Centro Cultural de Belém, do Teatro Municipal do Porto e do Théâtre de Liège — terá como base as biografias das pessoas que foram encostadas à parede e partirá da experiência física dessa situação.

Está já em curso uma investigação conduzida pelas jornalistas Joana Pereira Bastos e Raquel Moleiro, com o apoio de Rana Uddin, líder da comunidade bengali, para identificar e contactar as pessoas visadas pela operação — que constituirão, em simultâneo, o elenco central desta criação.

A Valentina e a Valeria não estão mortas

Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires

19 a 22, 26 a 29 março 2026

Black Box

Classificação etária: A classificar pela CCE

O ensaio de Esmeralda é sobressaltado por duas figuras, Valentina e Valeria. Quem são elas, exatamente? Parecem estar num espaço desértico, com qualquer coisa de Internet e de Além. Terão surgido das falhas de memória da atriz? Serão produto da sua imaginação?

A Valentina e a Valeria não estão mortas é uma peça sobre as relações entre memória e imaginação, ficção e não-ficção, teatro e vida, morte e luto. Um monólogo de muitas vozes que brinca com o processo do teatro para nos dar a ver uma, duas, três mulheres.

Criação **Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires**. Texto **Jacinto Lucas Pires**. Interpretação **Flávia Gusmão**. Desenho de luz **Nuno Meira**. Produção executiva **Nuno Pratas**. Coprodução **Associação Bo Dixam Bai, Associação Palavrão, Centro Cultural de Belém, Cineteatro Louletano e Culturproject**

Dia Mundial do Teatro

27 março 2026

Programação a anunciar.

13

Exercício de Montagem, Um objecto multidisciplinar do Teatro do Vestido

Um filme futuro

18 a 21, 25 a 28 junho 2026

Black Box

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa no dia 28 de junho, às 17 horas.

Pode um filme em progresso ser uma *performance*? Joana Craveiro parte de um conjunto de imagens que captou na Palestina para ensaiar uma resposta a esta pergunta.

O registo de duas viagens à Cisjordânia são pretexto para um exercício de montagem em torno do que se viu e do que se escutou, narrado em português e em árabe — uma amálgama de imagens sem relação aparente, ou uma dramaturgia escondida que se esconde nas entrelinhas da vida e da paisagem do que se observou?

Tudo em aberto, neste projeto, tudo em construção.

Conceito, realização, montagem **Joana Craveiro**. Colaboração, voz *off*, cocriação **Tarab** بربط. Música e espaço sonoro **Francisco Madureira**. Colaboração criativa **Estêvão Antunes, Tânia Guerreiro**. Figurinos **Tânia Guerreiro**. Iluminação **Leocádia Silva**. Assistência de produção e comunicação **Maria Inês Augusto**. Direcção de Produção **Alaíde Costa** Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro do Vestido** Apoio **FX RoadLights, DuplaCena** Apoio Residência **Alkântara, CITEMOR**

O **Teatro do Vestido** tem o apoio de **República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes**.

UM JULGAMENTO - depois do Inimigo do Povo, de Henrik Ibsen, um projeto de Christiane Jatahy e Wagner Moura

2 a 4 julho 2026

Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa no dia 4 de julho.

Thomas Stockman, médico de um balneário numa pequena cidade cuja economia depende do turismo termal, descobre uma grave contaminação nas águas do local. Decide tornar pública a sua descoberta, e o confronto entre o imperativo moral e os interesses económicos leva a comunidade a declará-lo «Um Inimigo do Povo». Passaram quase 150 anos desde que Henrik Ibsen escreveu esta peça, mas os temas que nela se abordam nunca foram tão atuais — ecologia, a complexa relação entre política e ciência, o papel da imprensa, as *fake news* e os discursos que oscilam entre a «liberdade de expressão» e a ameaça à democracia são hoje questões fundamentais.

Foi do desejo de levar a palco um debate público sobre estes temas que nasceu a colaboração entre Christiane Jatahy e Wagner Moura.

No entanto, *O Julgamento* não é uma adaptação de *Um Inimigo do Povo*, mas sim um texto original que transforma o teatro num tribunal. Um tribunal onde as personagens principais da peça revisitam os acontecimentos do passado para, mais uma vez, colocar a questão: Thomas Stockman é ou não um inimigo do povo? As suas ações e palavras representam ou não uma ameaça à democracia? Mas, desta vez, será o público quem julgará — e decidirá.

O Julgamento

depois de Um Inimigo do Povo de Henrik Ibsen

Direção **Christiane Jatahy**. Com **Wagner Moura**, **Danilo Grangheia** e **Julia Bernat**.

Dramaturgia e texto **Christiane Jatahy**, **Lucas Paraizo** em colaboração com **Wagner Moura**. Cenografia **Thomas Walgrave** e **Christiane Jatahy**. Desenho de luz e colaboração artística **Thomas Walgrave**. Criação sistema de vídeo **Julio Parente**.

Coordenação de produção **Henrique Mariano**. Administração da Companhia Vertice **Claudia Petagna**. Produção **Axis Productions**. Coprodução **Centro Cultural de Belem**, **Festival d'Avignon**, **Holland Festival**, **Edinburgh international Festival**. Apoio **UCLA's Center for the Art of Performance**

14

Quem tem medo de Virginia Woolf?, de Edward Albee

Simão do Vale Africano

9 a 12 julho 2026

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

«Estamos só a passear à trela o que resta do nosso juízo.»

Dois casais numa sala de estar durante uma longa madrugada. Martha e George são os anfitriões e têm cerca de 50 anos; Honey e Nick, bastante mais jovens, são os convidados. À medida que o tempo avança e as bebidas se sucedem, os quatro mergulham numa demoníaca espiral de «desilusões, traições, fantasias e desejo desenfreado». Quando a peça *Quem tem medo de Virginia Woolf?* estreou na Broadway, em 1962, aconteceram duas coisas: o espetáculo provocou uma controvérsia sem precedentes e o autor, Edward Albee, entrou diretamente para o panteão dos grandes dramaturgos norte-americanos do século XX.

Representada múltiplas vezes e um pouco por toda a parte, esta obra-prima chega agora ao palco do CCB, numa encenação de Simão do Vale Africano. Um texto devastador, mas também comovente. Uma comédia negra – bastante cómica e muito negra. Como observou Albee: «Às vezes é preciso derramar sangue.»

Quem tem medo de Virginia Woolf?

De **Edward Albee**

Encenação **Simão do Vale Africano**. Cenografia **Nuno Carinhas**. Figurinos **Bernardo Monteiro**. Desenho de luz **Pedro Correia**. Desenho de som e sonoplastia **Joel Azevedo**. Música original **Daniel Martinho**. Assistência de encenação **David Salgado**. Direção de produção **Inês Simões Pereira**. Confeção de figurinos **CLEM (Costuralogia)**. Interpretação **João Reis**, atriz a definir, **Daniel Silva**, **Joana Africano**. Produção **Subcutâneo – Teatro Hialurónico**. Coprodução **Centro Cultural de Belém**, **Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão**, **Teatro Nacional São João**

Festival de Almada - Teatro

11 e 12 julho 2026

Programação a anunciar

Dança



Dança

hOLD

São Castro e Teresa

Alves da Silva

Imagem gerada por IA

Alkantara Festival

Bocarra

Luísa Saraiva

© DR

Alkantara Festival

Os intransponíveis

Alpes, à procura do

Currito

María del Mar Suárez

(La Chachi)

Dajana-Lothert

hOLD

São Castro e Teresa Alves da Silva

9 a 12 outubro 2025

Pequeno Auditório

M/6

Acessibilidade: Sessão com Audiodescrição no dia 12 de outubro

Mais do que uma etapa da vida, o envelhecimento é um fenómeno universal que se desdobra em múltiplas dimensões — física, psicológica, social e cultural. *hOLD* parte da experiência de duas bailarinas-intérpretes profissionais, ambas perto dos 50 anos, que propõem uma escuta sensível sobre a consciência de uma transição — o envelhecimento não apenas como questão biológica, mas como construção social com implicações éticas e existenciais. Entre o desejo de segurar o instante e a aceitação da inevitabilidade da mudança, esta peça investiga o envelhecer como campo fértil para a criação de novas narrativas e representações no futuro.

Conceito, coreografia e interpretação **São Castro e Teresa Alves da Silva**. Desenho de luz **Cárin Geada**. Cenografia **Nuno Esteves (Blue)**. Figurinos **Dino Alves**. Música a definir. Produção **PLAY FALSE, Associação Cultural**. Coprodução **Centro Cultural de Belém, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Teatro Viriato, Teatro Municipal de Faro, Teatro Garcia de Resende, Cineteatro Alba**. Apoio à criação e residências artísticas **Orsolina 28, Centro Coreográfico Canal, Teatro Viriato, Centro Cultural de Belém**

A **PLAY FALSE** é uma estrutura financiada por República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes.

Alkantara Festival

Bocarra, Luísa Saraiva

20 e 21 novembro 2025

Black Box

60 min.

M/12

Bocarra — palavra que designa uma boca muito aberta ou desmesurada — parte do repertório de canto polifónico feminino do norte de Portugal e da Galiza, onde se cantam sentimentos de amargura e se evocam violências brutais contra mulheres. Essas vozes — gritadas ou murmuradas, ritualizadas ou fragmentadas — emergem como gestos de não-conformidade e resistência.

Em cena, três intérpretes cantam, movem-se e relacionam-se com um conjunto de objetos sonoros originais. Feitos de pedra, cerâmica, plástico ou metal, estes instrumentos artesanais funcionam como extensões dos órgãos internos e da respiração, ativados por sopros, fricções e toques que amplificam o corpo.

Como num concerto, onde cada canção se impõe como protagonista, *Bocarra* constrói uma coreografia vocal e sensível, em que os corpos, transformados em instrumentos, produzem imagens e assombrações melódicas — gritos que ressoam como formas de resistência.

Coreografia e direção artística **Luísa Saraiva**. Criação e interpretação **Luisa Alfonso, Alexandre Achour, Luísa Saraiva**. Instrumentos **Inês Tartaruga Água**. Desenho de som **Francisco Antão**. Desenho de luz **Cárin Geada**. Figurinos **Isabelle Lange**. Treino de autodefesa **Zeina Hanna, Manuel Pérez Bouza**. Treino vocal **Fabíola Augusta**. Olhar externo **Niklaus Bein**. Produção executiva **Övgü Özen, Nadine Freisleben/Apricot Productions (Alemanha), Mariana Costa/ Associação Calote Esférica (Portugal), Mariana Costa/Associação Calote Esférica (Portugal)**. Agradecimentos **Matthias Mohr, Arnaldo Saraiva**. Produção executiva **Övgü Özen, Nadine Freisleben/Apricot Productions (Alemanha), Mariana Costa/ Associação Calote Esférica (Portugal)**. Coprodução **Festival Dias da Dança/Teatro Municipal do Porto, La Manufacture CDCN Nouvelle-Aquitaine, PACT Zollverein**. Financiamento **República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes, Ministério da Cultura e Ciência Nordrhein-Westfalen/NRW Landesbüro Freie Darstellende Künste, Kunststiftung NRW**. Apoio **Paraíso, Colectivo RPM**

Os intransponíveis Alpes, à procura do Currito

María del Mar Suárez (La Chachi)

21 e 22 novembro 2025

Pequeno Auditório

60 min.

M/12

Espetáculo em espanhol com legendas em português e inglês

Em *Os intransponíveis Alpes, à procura do Currito*, María del Mar Suárez — coreógrafa andaluza também conhecida por La Chachi — conduz-nos por uma travessia física e emocional entre o trágico e o absurdo, entre o riso e o desespero. No centro da cena está a busca de «Currito» — figura ausente, evocada, inalcançável — e uma montanha impossível de escalar que se torna metáfora do desejo, da fé, da perda ou do amor.

A peça cruza flamenco com linguagens urbanas e contemporâneas — do *krump* ao *voguing* — num corpo que dança como se escalasse. O flamenco irrompe em espasmos, torce-se, quebra-se, tropeça, recomeça. A música ao vivo, interpretada por dois músicos e uma cantora, ocupa o centro da cena e arrasta-nos num crescendo repetitivo que se adensa como uma avalanche, deixando a dúvida: assistimos a um concerto ou a uma peça de dança?

Entre confrontos e silêncios, La Chachi desenha no palco o caminho serpenteante da escalada, da procissão, da procura por alguém que não se deixa encontrar. Dança o inalcançável — e nós vemo-la como do alto de uma montanha, sem conseguir desviar o olhar.

Ideia original, direção e interpretação **María del Mar Suárez (La Chachi)**. Canto **Lola Dolores**. Guitarra **Francisco Martín**. Percussão **Isaac García**. Iluminação **Azael Ferrer**. Som **Pablo Contreras**. Texto **Cristian Alcaraz**. Olhar externo **Alberto Cortés**. Figurino **Nantú**. Audiovisual **99páginas/ Tandem759**. Desenho gráfico **Tiquismiquis.club**. Produção em digressão **Inés Lambisto**. Comunicação e gestão **Luisa Hedó**. Financiamento **Universidad de Málaga, Junta de Andalucía, Fundación Nina Carasso**

Companhia Maior e Victor Hugo Pontes

7 e 8, 10 e 11 dezembro 2025

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: Sessão de 11 de dezembro com audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão

Ainda sem título, esta nova criação de Victor Hugo Pontes será uma peça eminentemente física, mesmo antecipando que nem todos os intérpretes estarão disponíveis para arriscar nesse sentido. A ideia da fisicalidade é, contudo, inspirada pela própria identidade da Companhia Maior e, também, como contraponto, pela experiência prévia do trabalho do coreógrafo com adolescentes. Tal como a pujança da juventude interfere na falta de experiência (e controlo), na idade maior as limitações físicas são colmatadas com a experiência de palco e de vida. Victor Hugo Pontes irá, assim, trabalhar com as idiossincrasias que se fazem anunciar na fisicalidade dos intérpretes — e que decorrem da idade e de um percurso de vida gravado no corpo —, potenciando-as como identidade: são estas idiossincrasias que tornam tão especial o que estes intérpretes oferecem ao público. Victor Hugo Pontes propõe-se procurar uma linguagem coreográfica física e prática para todos os intérpretes, colocando corpos de diferentes idades em contraste, de modo a exponenciar as diferenças, sensibilizar para o seu valor e focar a atenção na beleza da fragilidade. Na perspetiva da Companhia Maior, reforça-se a relevância da abordagem intergeracional nas discussões sobre a desconstrução do idadismo e para promover o envelhecimento criativo, que será imanente na representação da obra teatral e contribui para a nossa Causa Maior.

Direção artística **Victor Hugo Pontes**. Cenografia **F. Ribeiro**. Desenho de luz **Wilma Moutinho**. Música original a definir. Figurinos a definir. Assistência de direção **Cátia Esteves**. Intérpretes **Angelina Mateus, Carlos Nery, Cristina Gonçalves, Elisa Worm, João Silvestre, Kimberley Ribeiro e Michel + três intérpretes jovens a selecionar em audição**. Consultoria artística **Madalena Alfaia**. Estagiárias **Catarina Gonçalves (Mestrado ESD), Joana Belchior e Mariana V. Pedreiro (Licenciatura ESTC)**

Companhia Maior

Direção artística **Paula Varanda**. Coordenação executiva **Sofia Gomes**. Comunicação e imprensa **Raquel Ermida**.

Vídeo e fotografia **João Cardoso Ribeiro**

A Companhia Maior é uma associação cultural apoiada anualmente pela CML, ao abrigo do RAAML.

Nome Próprio

Direção de produção **Joana Ventura**. Produção executiva **Andreia Fraga**. Assistência de produção **Nuna Reis**

A Nome Próprio é uma estrutura residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa Teatro em Campo Aberto, e tem o apoio da República Portuguesa – Ministério da Cultura/DGArtes.

Coprodução **Companhia Maior, Nome Próprio, Centro Cultural de Belém, RTP, Cineteatro Louletano.**

Apoio à residência **Comuna - Teatro de Pesquisa, CML - Polo Cultural Gaivotas**



Dança
Companhia Maior e
Victor Hugo Pontes
 © Bruno Simão



Dança
Poesia e Selvajaria
Vera Mantero
 © João Tuna

Dança
F*cking Future
Marco da Silva
Ferreira
 © DR



Poesia e Selvajaria

Vera Mantero

8 e 9 janeiro 2026

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Estreada em 1998, no âmbito do Festival Mergulho no Futuro, no Pequeno Auditório do CCB, *Poesia e Selvajaria* é uma das criações mais emblemáticas de Vera Mantero. Quase três décadas passadas, regressa ao mesmo palco para uma reposição que continua a interpelar o presente. O espetáculo integra três elementos do elenco original – Frans Poelstra, Nuno Bizarro e Vera Mantero –, a que se juntam três novos intérpretes – Emily da Silva, Joana Azuru e Luís Guerra.

A peça nasce do espanto perante a condição humana – a capacidade de criar o sublime lado a lado com o brutal – e afirma-se como uma procura de liberdade através do corpo. Um corpo despojado de códigos, aberto ao desconhecido, que se move com a ingenuidade de um ser primordial, à descoberta de si, dos outros e do mundo. Em cena, um grupo de intérpretes habita um espaço de transgressão sensível, propondo uma «selvajaria positiva»: um estado de escuta instintiva, onde se experimentam novas formas de existir e de comunicar, para lá da palavra.

A proximidade física com o público convida a um envolvimento mais direto e visceral. «Somos povos presos aos nossos corpos. Somos sedentários, cerebrais, comunicamos sobretudo através da palavra», afirma Mantero. Esta peça é, acima de tudo, um convite à sua libertação.

Direção artística **Vera Mantero**. *Performance* e cocriação **Emily da Silva** (Margarida Mestre na criação original), **Frans Poelstra**, **Joana Azuru** (Ana Sofia Gonçalves na criação original), **Luís Guerra** (Christian Rizzo na criação original), **Nuno Bizarro**, **Vera Mantero**. Assistência artística **Pietro Romani** (Lília Mestre na criação original). Conceção visual **Nadia Lauro**. Figurinos **Nadia Lauro e toda a equipa**. Desenho de luz **Cathy Olive**. Adereços e contrarregra **Beatriz Marques Dias** (Marta Rego na criação original). Banda sonora **Christian Rizzo**. Som e direção técnica **Rui Dâmaso**. Produção **EIRA/O Rumo do Fumo**. Produção executiva **João Albano/O Rumo do Fumo** (Delphine Goater na criação original). Coprodução **Instituto Português de Artes e Espectáculos**, **Centro Cultural de Belém**, **Mergulho no Futuro-Expo 98 e EIRA**. Apoio **Centa**, **Casa de Mateus**

Workshop de composição/interpretação

O Corpo Pensante

Vera Mantero

3 a 7 fevereiro 2026

Black Box

A relaxação, o uso da voz, a escrita, a respiração e a associação livre são alguns dos meios a serem usados neste *workshop* por forma a chegarmos aos movimentos, ações, estruturas e desejos de composição que se encontram neste momento em nós. Exploraremos alguns deles, separadamente, de forma a incorporá-los, mais tarde, em processos de improvisação mais longos ou complexos, ou mesmo em processos de composição. Serão também importantes os estados particulares de consciência, a atenção a sinais exteriores e interiores (*awareness*), o uso do espaço e a exploração de objetos e materiais. Ironia e mãos vazias levar-nos-ão mais longe ainda.

F*cking Future

Marco da Silva Ferreira

20 a 22 fevereiro 2026

Palco do Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Acessibilidade: espetáculo com audiodescrição no dia 22 de fevereiro.

*F*cking Future* coreografa a fricção entre militância e militarização, explorando e desafiando os sistemas que moldam corpos e comportamentos. Num palco quadrifrontal, servindo-se desses mesmos sistemas, um coletivo marcha entre rigidez e diluição, disciplina e desejo, convocando novas formas de união e insurgência — permanecemos aqui, resistindo em movimento.

Direção artística e coreografia **Marco da Silva Ferreira**. Apoio artístico e à dramaturgia **Catarina Miranda & Cristina Planas Leitão**. *Performers* **Catarina Casqueiro, Eric Amorim dos Santos, Fábio Kraye, Doisy Bryan, Marco da Silva Ferreira, Matias Rocha Moura, Max Makowski, Nala Revlon**. *Performers* (residência) **Mélanie Ferreira**. *Performers* (estagiário) **José Santos**. Música **Rui Lima & Sérgio Martins**. Desenho de luz **Teresa Antunes & Rui Monteiro**. Figurnos **A anunciar**. Cenário **A anunciar**. Coprodução **Maison de la danse, Lyon/Pôle européen de création, in support of Biennale de Lyon, Sadler's Wells, Charleroi danse, centre chorégraphique de Wallonie - Bruxelles, Teatro Municipal do Porto, PACT Zollverein, Points Communs - Nouvelle Scène nationale of Cergy-Pontoise / Val d'Oise, Théâtre National de Chaillot Julidans Amsterdam, TANDEM Scène nationale, La Place de la Danse - CDCN Toulouse / Occitanie, Tanz im August / HAU Hebbel am Ufer**. Apoio **Dance Reflections by Van Cleef & Arpels**. Parceiros de residências artísticas **Espaço do Tempo; A Oficina (Centro Cultural Vila-Flor); Teatro Municipal do Porto; CRL-Central Elétrica**. Direção de produção **Mafalda Bastos**. Assistência de produção **Ana Lopes**. Estrutura de produção **P-ulsa**. Difusão **ART HAPPENS**

Um Estar Aqui Cheio

Vera Mantero

26 fevereiro 2026

Palco do Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Um Estar Aqui Cheio é uma peça de 2001 que foi apresentada apenas em três salas. Vinte e cinco anos após a estreia, é apresentada pela primeira vez em Lisboa, no Centro Cultural de Belém, com o elenco original.

Um Estar Aqui Cheio inscreve-se na continuidade de um percurso artístico singular, onde a dança se cruza com a filosofia, a poesia, a música e a *performance*. Vera Mantero propõe uma experiência sensorial e reflexiva que desafia categorias: é dança, é instalação, é *spoken word*, é delírio lúcido. A peça constrói-se a partir de uma presença crua, instintiva, onde corpo e palavra se tornam matéria de pensamento e emoção. Entre o gesto repetitivo e o impulso descontrolado, emergem figuras humanas que se revelam na sua fragilidade e intensidade. A peça cita Herberto Helder, recorre à voz, ao canto, ao texto improvisado e lido, habitando uma atmosfera sonora inquietante, criada por Boris Hauf.

Um Estar Aqui Cheio é um exercício de esvaziamento e reencontro com o íntimo. Uma peça que convoca o espectador a abandonar o olhar distanciado e a entrar num espaço onde o absurdo e o poético se entrelaçam.

Direção artística **Vera Mantero**. Assistência de direção artística **David Marques**. Conceção visual/instalação **Nadia Lauro** (no original, com assistência de **Thérèse Beyler**). Criação e *performance* **António Poppe, João Samões, Litó Walkey, Martin Nachbar, Sabina Holzer, Vera Mantero**. Banda sonora e interpretação ao vivo **Boris Hauf**. Criação de vídeo **Helena Inverno**. Desenho de luz **Jean-Michel Le Lez**. Textos **Herberto Helder, William Shakespeare**. Produção **O Rumo do Fumo**. Produção executiva **João Albano/O Rumo do Fumo**. Coprodução **Le Quartz-Scène Nationale de Brest, Balletteatro Auditório, Teatro Nacional de São João, Porto2001 Capital Europeia da Cultura**

Música Erudita



BoCA - Biennial of Contemporary Arts
Adilson

Uma ópera de
Dino D'Santiago

Imagem: Direção Criativa Miguel Domingos Garcia by Lisboa Amsterdam; Fotografia Telmo Pereira by Lisboa Amsterdam; Makeupartist Marta Sousa Silva by Lisboa Amsterdam.

Ópera
Suor Angelica &
Gianni Schicchi
de Puccini

© Carlos Pinto

Ópera
Tahiti!
Orquestra do Algarve

© DR

Ópera

BoCA - Biennial of Contemporary Arts

Adilson

Uma ópera de Dino D'Santiago

12 a 14 setembro 2025

Grande Auditório

120 min.

M/12

Numa encomenda e produção original da BoCA - Bienal de Artes Contemporâneas, Dino D'Santiago foi desafiado a estreiar uma ópera que cruza história, cultura e a identidade multicultural portuguesa.

Adilson é uma ópera em cinco atos dirigida por Dino D'Santiago, a partir do texto original *Serviço Estrangeiro*, de Rui Catalão, e direção musical de Martim Sousa Tavares. Acompanhamos a jornada de um homem afrodescendente, nascido em Angola, filho de pais cabo-verdianos, que vive há mais de 40 anos em Portugal — sem nunca ter obtido cidadania portuguesa. Chamado D'Afonso pelos amigos, Nuno pela família e Adilson no passaporte, a sua vida desenrola-se entre salas de espera, processos adiados e um labirinto burocrático que o impede de ser plenamente reconhecido pelo país onde sempre viveu. Mais do que um indivíduo, *Adilson* representa milhares de pessoas deixadas nas margens do sistema. A ópera transforma a espera em poesia e faz da invisibilidade um ato de resistência. No culminar da obra, ouve-se o grito que ecoa para além do palco: «Eu não sou português. Eu sou Portugal. Um país à espera.»

Abordando temas como a injustiça social, a discriminação, a fragilidade humana e a esperança, esta primeira incursão de Dino D'Santiago no território da ópera assinala igualmente os cinquenta anos do fim da presença militar portuguesa em terras coloniais nos territórios africanos.

Conceito e Encenação **Dino D'Santiago** Libreto e Dramaturgia **Dino d'Santiago**, a partir do texto original «Serviço Estrangeiro», de **Rui Catalão** Direção Musical **Martim Sousa Tavares** Composição Musical / Produção Musical **Dino D'Santiago** e **Djodje Almeida** Arranjos para Orquestra **João Martins** Música **Iuri Oliveira**, **Djodje Almeida**, **Mais Hreish**, **Raúl da Costa** **Orquestra Sinfónica Juvenil** (CCB, Lisboa) **Orquestra Sinfonietta de Braga** (Theatro Circo, Braga) **Orquestra do Algarve** (Teatro das Figuras, Faro) **Orquestra das Beiras** (Teatro Aveirense, Aveiro) Intérpretes **Michelle Mara**, **Cati**, **NBC**, **Soraia Morais**, **Koffy**, **Rebeca Reinaldo**, **Rúben Gomes** Convidado especial **Adilson Correia Duarte** a.k.a **Bonny** Assistência de Encenação **Solange Freitas** Colaboração na Direção de Atores **Cláudia Semedo** Direção Vocal **Francisco Pessoa Júnior** Cenografia **Pedro Azevedo** Desenho de Luz **Rui Monteiro** Desenho de Som **Bruno Lobato** Direção de Cena **Francisca Rodrigues** Figurinos **José António Tenente**

Direção de Produção **José Maria Cortez** (BoCA) Produção Executiva **Irina Leite Velho** Comissão e Produção **BoCA - Biennial of Contemporary Arts** (Lisboa) Gestão de Produção **Local Global** Coprodução **Centro Cultural de Belém** (Lisboa), **Theatro Circo** (Braga), **Teatro das Figuras** (Faro), **Teatro Aveirense** (Aveiro)

Suor Angelica & Gianni Schicchi de Puccini

Encenação de Carmine De Amicis

Direção Musical de Renato Balsadonna

2 e 4 outubro 2025

Grande Auditório

Em italiano e legendada em português

M/12

Conversa pré-concerto meia hora antes de cada récita por **Luís M. Santos**

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Esta nova produção revisita duas visões contrastantes da condição humana: a pungente tragédia de *Suor Angelica* e a desabrida comicidade de *Gianni Schicchi*. Trata-se da segunda e terceira partes de *Il Trittico* (1918), a trilogia operática de Giacomo Puccini.

No centro da primeira ópera, está a figura de Irmã Angélica que, como penitência por uma gravidez que manchara o nome da família, se viu obrigada a tomar o véu, renunciando à convivência com o próprio filho. Uma visita da sua tia ao convento precipitará uma nova humilhação e, sobretudo, a mais devastadora das perdas.

Num registo distinto, *Gianni Schicchi* apresenta-nos a célebre personagem da tradição florentina: o astuto e manipulador «fura-vidas» que, chamado a resolver uma disputa familiar em torno de uma herança, acaba por virar as cartas a seu favor.

Dois enredos veristas, magistralmente musicados por Puccini: em *Suor Angelica*, escutam-se apenas vozes femininas, numa escrita vocal e orquestral de intensa carga emocional – como a ária *Senza mamma, o bimbo, tu sei morto*, envolta numa orquestração de requinte, por vezes impressionista; já em *Gianni Schicchi*, destaque-se a mais famosa e enternecedora «birra» da história da ópera, a ária *O mio babbino caro*. São duas obras que, em tom e forma distintos, celebram a universalidade da experiência humana.

Óperas em 1 Ato

Suor Angelica & Gianni Schicchi

Música **Giacomo Puccini**

Libreto **Giovacchino Forzano**

Direção Musical **Renato Balsadonna** Encenação **Carmine De Amicis** Cenografia **Gloria Bolchini**
Figurinos **Carmine de Amicis e Gloria Bolchini** Desenho de Luzes **Carlos Ramos**

Suor Angelica

Suor Angélica **Silvia Sequeira**

La Zia Principessa **Cátia Moreso**

La Badessa **Nélia Gonçalves**

Suor Zelatrice **Paula Morna Dória**

La maestra delle novizie **Carolina Figueiredo**

La suora infermiera **Rita Coelho**

Gianni Schicchi

Gianni Schicchi **Luís Rodrigues**

Rinuccio **Francesco Lucii**

Lauretta **Rafaela Albuquerque**

Nella **Rita Marques**

Zita **Cátia Moreso**

La Ciesca **Patrícia Quinta**

Gherardo **Marco Alves dos Santos**

Betto **João Oliveira**

Simone **Nuno Dias**

Amantio di Nicolao **Ricardo Panela**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos (*Suor Angelica*)

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

23

Tahiti!

Orquestra do Algarve

17 abril 2026

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Conversa pré-concerto por convidado a anunciar

Tahiti! é uma *double bill* das óperas *Trouble in Tahiti* (1952), de **Leonard Bernstein**, e de *Pacific Pleasures* (2016-17), de **Alannah Marie Halay**, com libreto de **Jorge Balça**. Destaca-se a segunda ópera, que terá a sua estreia nacional com esta produção.

Num subúrbio residencial como tantos outros, *Tahiti!* conta a história de um jovem casal, Sam e Dinah que, apesar de ter tudo o que sempre desejou, não é feliz. Percebe, assim, que ainda tem de encontrar o seu Tahiti.

Usando uma variedade de estratégias e ferramentas dramáticas, tais como teatro físico e teatro de marionetas, *Tahiti!* imagina uma vida para as duas personagens principais antes da ópera de Bernstein, que começa com uma discussão. Como é que Sam e Dinah se tornaram tão infelizes? Até que ponto controlam as suas vidas?

O espetáculo será apresentado em inglês, a língua original de ambas as óperas, com legendas em português. *Tahiti!* é uma coprodução da Fadas e Elfos – Associação Cultural com a Orquestra do Algarve, um projeto proposto por Jorge Balça que encena, e com direção musical do novo maestro residente da Orquestra do Algarve, Pablo Urbina.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Fadas e Elfos – Associação Cultural e Orquestra do Algarve

***Tannhäuser* de Wagner**
Direção musical de Graeme Jenkins
Encenação de Max Hoehn
23 e 25 abril 2026

Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Conversa pré-concerto por convidado a anunciar

Programa

Tannhäuser

Ópera em 3 atos

Música e libreto **Richard Wagner**

Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg – «Tannhäuser e o concurso de canto de Wartburg» – é uma ópera em três atos com libreto e música de Richard Wagner, composta entre 1843 e 1845.

A estreia absoluta teve lugar no Teatro da Ópera de Dresden, em 1845, sendo mais tarde apresentada na Ópera de Paris, em 1861, numa versão em francês que incorporava o famoso bailado do primeiro ato. Em 1875, Wagner criaria uma terceira versão para a Ópera de Viena, com uma tradução do libreto francês para alemão, entre outras adaptações. Esta última versão estará na base da nova produção do Teatro Nacional de São Carlos, encenada por Max Hoehn e com direção musical de Graeme Jenkins.

Inspirado no universo dos Minnesänger e ambientado no século XIII, o enredo congrega elementos da mitologia e tradição épica germânicas na exploração de um dos temas transversais ao repertório wagneriano: a redenção pelo amor. Tannhäuser, um cavaleiro e trovador, é seduzido pela deusa Vénus e aprisionado no seu monte mágico. Tomado pela vontade de retornar à sua terra e ao amor ideal de Elisabeth, invoca a Virgem Maria para romper o domínio da Vénus, num gesto que marca o início do seu caminho para a salvação.

Influenciada pelos géneros da Ópera Romântica Alemã e do Grand Opéra francês, *Tannhäuser* revela o conflito entre o amor carnal e o espiritual, entre os prazeres terrenos e a redenção da alma, dualidades que ecoam ao longo de toda a contrastante e poderosa escrita musical de Wagner.

Direção Musical **Graeme Jenkins**. Encenação **Max Hoehn**

Landgraf Hermann **Walter Rauch**. Tannhäuser **Jonathan Stoughton**. Elisabeth **Allison Oakes** (*a confirmar*).

Venus *a anunciar*. Wolfram von Eschenbach **André Baleiro**. Walter von der Vogelweide **Marco Alves dos Santos**.

Biterolf **Luís Rodrigues**. Heinrich der Schreiber **Bruno Almeida**. Reinmar von Zwetter **Christian Luján**.

Pastor **Mariana Castello-Branco**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro Titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos**

Orquestras

Concertos para piano de Chopin

Orquestra Metropolitana de Lisboa e François-Frédéric Guy

21 setembro 2025

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Rui Campos Leitão.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Grande mestre da sedução romântica, Frédéric Chopin preferia a intimidade dos salões às grandes salas de concerto. Não espanta que não tenha composto sinfonias, e que as poucas obras em que juntou o piano à orquestra datem do início da carreira, quando buscava notoriedade pública. Estreou os seus únicos concertos para piano com 20 anos, ainda em Varsóvia, antes de se mudar para Paris. Indissociáveis um do outro, e apesar de terem tido diferentes sortes numa primeira fase, faz todo o sentido ouvi-los lado a lado. Passado ano e meio sobre uma inesquecível integral dos concertos de Beethoven, François-Frédéric Guy brinda-nos agora com os desenhos melódicos, os requintes técnicos e a inconfundível assinatura do músico polaco.

Frédéric Chopin (1810-1849) *Concerto para piano e orquestra n.º 2, em Fá menor*, op. 21

Frédéric Chopin *Concerto para Piano e Orquestra N.º 1, em Mi Menor*, Op. 11 (1830)

Piano e direção musical **François-Frédéric Guy.**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Metropolitana**

25

Concerto de Halloween

Orquestra Sinfónica Portuguesa e

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

26 outubro 2025

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Sónia Silva.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

«A morte, à meia-noite, toca uma dança – *zig e zig e zag* – na sua rabeca», fazendo erguer dos túmulos esqueletos tilintantes numa celebração macabra; é o mote deste Concerto de Halloween repleto de histórias arrepiantes.

No poema sinfónico *A bruxa do meio-dia*, Antonín Dvořák recria um mito eslavo, onde o destino trágico de uma criança desobediente ganha vida através dos timbres da orquestra. Segue-se a célebre *Danse macabre*, de Camille Saint-Saëns, numa primeira versão para voz que narra um baile macabro no cemitério, recriada a seguir apenas pela orquestra. De lá descemos a uma tenebrosa caverna onde, na ópera *Macbeth*, Giuseppe Verdi nos mostra bruxas em torno de um caldeirão, cozinhando feitiços ao som do coro «*Tre volte miagola la gatta in fregola*». No clímax deste concerto, o próprio diabo toma a palavra com Mefistófeles, no tango sombrio *Seid nüchtern und wachet*, da *Faust Kantate*, de Alfred Schnittke.

Neste concerto, a morte, o sobrenatural e os mitos são fontes de inspiração para estilos diversos, ganhando som e cor através da voz solista, do coro e da orquestra sinfónica. Um concerto de sustos – sim –, mas também de enorme deleite e diversão musical.

Antonín Dvořák (1841-1904) *A bruxa do meio-dia*

Camille Saint-Saëns (1835-1921) *Danse macabre* para voz e orquestra

Camille Saint-Saëns *Danse macabre*, op. 40 – Poema sinfónico

Giuseppe Verdi (1813-1901) *Tre volte miagola la gatta in fregola* da ópera *Macbeth*

Alfred Schnittke (1934-1998) *Seid nüchtern und wachet* da *Faust Kantate*



Orquestras
Danças sinfónicas de
West Side Story

Orquestra
Metropolitana
de Lisboa e
Christian Vásquez

© Marcelo Albuquerque



Orquestras
O delírio amoroso
de Handel
Gabetta Consort e
Samuel Mariño

Samuel Marino © Olivier Allard

Orquestras
Sinfonia Fantástica
de Berlioz
Orquestra de Câmara
Portuguesa e
Jovem Orquestra
Portuguesa

© Bruno Vicente



Meio-soprano **Cátia Moreso**. Contratenor **Jan Wouters**. Tenor **Marco Alves dos Santos**.
Baixo **Christian Luján**. Direção musical **José Eduardo Gomes**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Danças sinfónicas de West Side Story

Orquestra Metropolitana de Lisboa e Christian Vásquez

9 novembro 2025

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Rui Campos Leitão.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

O musical *West Side Story* foi estreado na Broadway em 1957, depois popularizado no cinema e consagrado nas salas de concerto de todo o mundo na forma de suíte orquestral. Inspirado na tragédia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, o enredo original desenrola-se em torno do drama amoroso de dois jovens pertencentes a *gangs* rivais de Manhattan. Para lá das convenções teatrais, com melodias como *Maria*, *America* e *I Feel Pretty*, Leonard Bernstein conseguiu uma sofisticada mistura de ritmos latinos com influências do *jazz* e da tradição sinfónica. Aproximou as culturas populares e eruditas na senda de George Gershwin que, já em 1935, havia estreado *Porgy and Bess*, cuja suíte *Catfish Row* inclui a célebre canção *Summertime*. Neste programa, destaca-se ainda um concerto de Artie Shaw, um dos maiores clarinetistas da era do *swing*, e a estreia de uma obra de Pedro Moreira, também para clarinete e orquestra.

George Gershwin (1898-1937) Suíte da ópera *Porgy and Bess* (*Catfish Row*)

Pedro Moreira (1969) Obra em estreia, para clarinete e orquestra - ([encomenda CCB](#))

Artie Shaw (1910-2004) *Concerto para clarinete*

Leonard Bernstein (1918-1990) *Danças Sinfónicas* (*West Side Story*)

Direção Musical **Christian Vásquez**

Clarinete **Nuno Silva**

Orquestra Sinfónica Metropolitana

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

27

O delírio amoroso de Handel

Gabetta Consort e Samuel Mariño

17 novembro 2025

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Cesário Costa.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Amor, loucura, paixão — neste programa encantador, a estrela em ascensão Samuel Mariño e o Gabetta Consort conduzem-nos numa viagem pelas paisagens delirantes do amor barroco. Sob a direção do grande virtuoso Andrés Gabetta, o *ensemble* interpreta peças instrumentais magistralmente elaboradas, que se fundem com árias apaixonadas num diálogo emotivo.

O programa reúne o extraordinário concerto *Grosso Mogul*, no qual a escrita brilhante de Vivaldi evidencia a técnica espetacular de Gabetta, e a cantata dramática de Handel *O delírio amoroso* — uma história intemporal sobre o poder do amor para transcender todas as barreiras.

Através de uma abordagem historicamente informada e tecnicamente irrepreensível, Mariño e Gabetta insuflam nova vida a estas mensagens eternas de paixão e desejo, fazendo-as ressoar com a mesma força

hoje como há três séculos. Uma noite extraordinária de virtuosismo e emoção no espírito vibrante do Barroco italiano.

Henry Purcell (1659-1695) *Curtain Tune*

Georg Friederich Handel (1685-1759) *Scherza in mar la navicella*

Antonio Vivaldi (1678-1741) *Grosso Mogul*

Georg Friederich Handel *Lascia la spina*

Antonio Vivaldi (1678-1741) *RV 190 Concerto per violino in Do Maggiore*

Carl Heinrich Graun (1704-1759) Ária *Fra le procelle* da ópera *Cesare e Cleopatra*

Georg Friederich Handel Cantata *O delírio amoroso*, HWV 99

Sopranista **Samuel Mariño**

Direção Musical **André Gabetta**

Gabetta Consort

Concerto de Natal

Missa para a noite de Natal de Ponchielli

Orquestra Sinfónica Portuguesa e

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

21 dezembro 2025

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por **António Jorge Marques**.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

«Uma verdadeira obra-prima!», assim foi aclamada a *Missa* de Amilcare Ponchielli na sua estreia absoluta, no dia 25 de dezembro de 1882. Conhecida também como *Messa per la notte di natale*, a obra acabaria por cair no esquecimento, tal como grande parte da produção do autor da célebre ópera *La Gioconda* (1876). Este concerto no Centro Cultural de Belém oferece uma rara oportunidade de descobrir uma faceta menos conhecida de Ponchielli, num exemplo marcante do repertório sacro italiano do século XIX – tantas vezes negligenciado, com exceção das conhecidas *Petite Messe Solennelle*, de Rossini, e *Messa da Requiem*, de Verdi.

Composta durante o seu período como mestre de capela da Basílica de Santa Maria Maggiore, em Bérgamo, a *Missa* revela a maturidade musical de Ponchielli: um equilíbrio entre a solenidade litúrgica e a expressividade dramática. Com coro a cinco vozes, três solistas e grande orquestra, a obra conjuga a elegância da tradição sacra com o lirismo italiano, sem ceder a impulsos melodramáticos mais típicos do género operático. Com a *Missa*, a crítica elevou Ponchielli à «escola imortal dos compositores de música sacra dos séculos passados, enriquecido pelas portas do progresso moderno». Uma joia a redescobrir.

Amilcare Ponchielli (1834-1886) *Missa*, op. 20

Tenor **José d'Eça**. Barítono **Hae Kang** *.

Baixo **Simone Alberghini**

Direção Musical **Antonio Pirolli**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

* Vencedor do grande prémio do Cascais Ópera 2024

Concerto de Ano Novo **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

1 janeiro 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Rui Campos Leitão

A Torre Eiffel ainda não existia ali ao lado quando, em 1867, Johann Strauss Júnior e a sua orquestra tocaram a versão instrumental da valsa *O Belo Danúbio Azul* na Exposição Universal de Paris, diante de corpos diplomáticos de todo o mundo. O sucesso foi de tal ordem que se tornou o «Rei da Valsa», uma autêntica estrela pop internacional. Era prenúncio da tradição que perdura nos nossos dias à escala planetária – o Concerto de Ano Novo. A elegância das melodias intemporais de Strauss continua a transmitir a energia de que precisamos para enfrentar novos ciclos com vibrações positivas e coração cheio. Para brindar 2026, junta-se-lhe aqui *glamour* provindo dos dois extremos da Europa. De Moscovo, a exuberância de Khachaturian e a afetação romântica de Tchaikovsky. Da ensolarada Península Ibérica, a alegria vigorosa de Freitas Branco e o *salero* de Falla.

Johann Strauss II (1825-1899) Valsa *Rosas do Sul*, op. 388

Johann Strauss II Polca rápida *Na Caça*, op. 373

Johann Strauss II Valsa *Imperador*, op. 437

Aram Khachaturian (1903-1978) Valsa da peça teatral *Masquerade*

Luís de Freitas Branco (1890-1955) *Fandango, Finale* da Suíte Alentejana n.º 1

Manuel de Falla (1876-1946) *Farruca (Dança do Moleiro)*, do bailado *O Chapéu de Três Bicos*

Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) Valsa *das Flores*, do bailado *O Quebra-Nozes*

Johann Strauss II Valsa *Sangue Vienense*, op. 354

Johann Strauss II Polca rápida *Tique-Taque*, op. 365

Johann Strauss II *No Belo Danúbio Azul*

Direção Musical **Bruno Borralhinho**
Orquestra Metropolitana de Lisboa

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

29

Sinfonia Fantástica de Berlioz **Orquestra de Câmara Portuguesa e** **Jovem Orquestra Portuguesa**

18 janeiro 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Pedro Carneiro.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Depois do sucesso de anteriores celebrações (*A Sagração da Primavera*, *Sinfonia Heroica*, Nona de Mahler e Nona de Bruckner), a Orquestra de Câmara Portuguesa volta a juntar-se à Jovem Orquestra Portuguesa para celebrar a extraordinária *Sinfonia Fantástica* de Berlioz. Um autorretrato do seu criador, narra uma história da paixão de um artista por uma mulher, a sua obsessão, sonhos, êxtase e desespero. Para abrir o concerto, e inspirado nas forças épicas da *Sinfonia Fantástica*, ouviremos a estreia absoluta de uma encomenda do CCB ao jovem compositor bracarense Francisco Fontes. Um concerto a transbordar de ímpeto e energia, sob a direção de Pedro Carneiro. A não perder.

Francisco Fontes (1993) Obra em estreia absoluta (**encomenda CCB**)

Hector Berlioz (1803-1869) *Sinfonia Fantástica*, op. 14

Direção Musical **Pedro Carneiro**
Orquestra de Câmara Portuguesa
Jovem Orquestra Portuguesa



Orquestras
Concertos
Brandeburgueses
 de Bach – um tributo a
 Nikolaus Harnoncourt
 Concentus Musicus
 Wien

© lukasbeck



Orquestras
As Quatro Estações
 de Vivaldi
 Camerata de Salzburgo
 e Janine Jansen

© IGOR STUDIO

Orquestras
Sinfonia n.º 9,
Novo Mundo
 de Dvořák

Dinis Sousa © DR



Festas Romanas de Respighi **Orquestra Sinfónica Portuguesa**

1 fevereiro 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por convidado a anunciar.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Três vozes da música italiana da primeira metade do século XX revelam, entre tradição e modernidade, o fascínio pela herança histórica e a força das linguagens sinfónicas destas décadas turbulentas. Na delicada *Vivaldiana per orchestra*, Gian Francesco Malipiero evoca o barroco italiano e, em particular, o legado de um dos seus mais destacados compositores, Antonio Vivaldi, a quem dedicou esta notável obra de recuperação formal e estilística. O *Concerto para violino em Sol menor, Op. 31* de Mario Castelnuovo-Tedesco, estreado em 1924, afirma-se como um dos seus primeiros marcos sinfónicos: uma obra luminosa que conjuga lirismo italiano com uma sólida construção instrumental. Já em *Feste romane*, o terceiro painel da célebre *Trilogia Romana*, Ottorino Respighi explora os ecos dos ritos ancestrais e das festas populares da «Cidade Eterna», através de uma escrita orquestral de cores deslumbrantes e energia arrebatadora. Ao trazer a palco a música de Malipiero, Castelnuovo-Tedesco e Respighi, este programa dará voz a três formas de ligar a identidade italiana a uma modernidade internacional, projetando a tradição nacional à luz de novos horizontes musicais.

Caberá ao premiado violinista italiano Domenico Nordio ser o solista convidado deste concerto no Centro Cultural de Belém, acompanhado pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direção do maestro Antonio Pirolli.

Eis um percurso pela modernidade italiana, onde memória e inovação se entrelaçam em três obras que celebram a vitalidade da música sinfónica do século XX.

Gian Francesco Malipiero (1882-1973) *Vivaldiana per orchestra*

Mario Castelnuovo-Tedesco (1895-1968) *Concerto violino em Sol menor, op. 31*

Ottorino Respighi (1879-1936) *Feste romane*

Violino **Domenico Nordio**

Direção Musical **Antonio Pirolli**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

31

Concerto de Carnaval **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

15 fevereiro 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por **Rui Campos Leitão**.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Carnaval é ritual, inversão, diversão... é festa. E onde há festa há música. É por isso que os músicos da Orquestra Metropolitana de Lisboa se vestem sempre a rigor no Domingo Gordo para interpretar algumas das páginas mais orelhudas do repertório sinfónico. Os fraques ficam em casa. Ou talvez não – quem sabe? Perucas coloridas, óculos avantajados, plumas e serpentinas, cornetas e línguas da sogra poderão também subir ao palco. Trazer máscaras, amigos, a família inteira e 750 gramas de gargalhadas. Todos juntos, vamos desejar muita sorte ao maestro Cláudio Ferreira na sua nobre missão de disciplinar o concerto mais surpreendente da temporada.

Direção Musical **Cláudio Ferreira**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

***Das Klagende Lied* de Mahler** **Orquestra Sinfónica Portuguesa e** **Coro do Teatro Nacional de São Carlos**

1 março 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por convidado a anunciar.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Do primeiro impulso criativo à despedida inacabada, este concerto atravessa a obra de Gustav Mahler, começando pelo testamento da sua última sinfonia e terminando na juventude visionária.

O *Adagio da Sinfonia n.º 10*, composto no verão de 1910, é o único andamento substancialmente concluído da obra que a morte deixou inacabada. Partitura dissonante e intensa, reflete a consciência da finitude e o conflito interior do compositor, tornando-se um testemunho singular do seu derradeiro gesto sinfónico.

Escrita entre 1878 e 1880, *Das Klagende Lied* revela já um jovem Mahler fascinado pela teatralidade e pela paleta de timbres orquestrais. Inspirada no conto O osso cantor, dos Irmãos Grimm, esta cantata em três partes combina solistas, coro e orquestra numa narrativa marcada tanto pelo lirismo popular, quanto pela expressividade romântica, antecipando muitos dos traços que marcarão a sua linguagem futura. Já Especialista no repertório germânico tardo-romântico, o maestro Graeme Jenkins regressa a Lisboa para dirigir a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Coro do Teatro Nacional de São Carlos e um elenco de destacados cantores. Um concerto que percorrerá, em retrospectiva, a vida criativa de Mahler, entre o adeus final e a promessa inicial.

Gustav Mahler (1860-1911) *Sinfonia n.º 10 em Fá maior (Adagio); Das Klagende Lied*

Direção musical **Graeme Jenkins**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular **Giampaolo Vessella**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

***Concertos Brandeburgueses* de Bach – um tributo** **a Nikolaus Harnoncourt** **Concentus Musicus Wien**

18 março 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por **Cesário Costa**.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

O *ensemble* Concentus Musicus Wien mantém uma relação profunda com os célebres *Concertos Brandeburgueses* de Johann Sebastian Bach. Obras de referência incontornável no repertório barroco, estas seis peças representam um desafio máximo para os intérpretes — e também para o público atento. Nesta apresentação no CCB, cada nota é redescoberta com o espírito inquisitivo que sempre definiu o conjunto fundado por Nikolaus Harnoncourt, a quem este concerto é dedicado, dez anos após o seu desaparecimento. A sua marca permanece indelével no som e na abordagem do Concentus Musicus Wien, que continua, em sua homenagem, a explorar estas obras com renovado entusiasmo, oferecendo uma escuta que respeita o passado, mas fala diretamente ao presente.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) *Concertos Brandeburgueses*, BWV 1046-1051

Direção artística **Steffan Gottfried**

Concentus Musicus Wien

Concerto de Páscoa – *Requiem* de Mozart **Orquestra Metropolitana de Lisboa e** **Coro Sinfónico Lisboa Cantat**

2 abril 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Rui Campos Leitão.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

O *Requiem* de Mozart é um monumento à condição humana. Por um lado, tem na sua origem os ingredientes essenciais de um romance *best-seller*, tais como a entrega incondicional do génio à causa artística, identidades omissas, conspiração, morte... e, neste caso, por intermédio do género musical que lhe está mais diretamente associado. Mas é também música sublime que emociona. Em toda a sua beleza, atravessa com passos firmes os limiares do nosso entendimento. Resulta então numa reflexão sobre a existência, a esperança, a superação, o mistério e o sentido da vida.

Pedro Lima (1994) Obra em estreia

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) *Requiem*

Soprano **Sofia Marafona**. Meio-soprano **Rita Coelho**. Tenor **Marco Alves dos Santos**

Barítono **Hugo Oliveira**

Direção musical **Pedro Neves**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Maestro do Coro **Jorge Alves**

Coro Sinfónico Lisboa Cantat

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

As Quatro Estações de Vivaldi **Camerata de Salzburgo e Janine Jansen**

27 abril 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Cesário Costa.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

Janine Jansen não vê qualquer problema em interpretar, repetidamente, obras tão populares como *As Quatro Estações* de Vivaldi — afinal, «cada interpretação é única», como a própria afirma. O público da Camerata pode, assim, esperar uma interpretação singular e envolvente, quando a violinista e parceira artística da orquestra embarca nesta viagem sensorial pelas estações italianas do início do século XVIII — ainda imunes aos efeitos das alterações climáticas.

A revista *Stereoplay* descreveu a abordagem de Jansen a esta obra como um «fluir absolutamente natural, em respiração contínua, da música e do timbre do violino».

Ao lado de Vivaldi, outras duas figuras maiores do violino barroco italiano fazem parte deste programa, reunidas numa só peça: Geminiani, contemporâneo de Vivaldi, transformou uma sonata de Corelli — inspirada na exuberante dança portuguesa folia — num fulgurante *Concerto grosso*.

A versatilidade desta forma musical estende-se até ao nosso tempo, como Janine Jansen e a Camerata demonstrarão também com um concerto para cordas do mestre da música de cinema, Nino Rota, e uma cativante combinação de *concerto* para quarteto de cordas, orquestra de cordas e cravo.

Richard Dubugnon (1968) *Piccolo Concerto Grosso para quarteto de cordas, orquestra de cordas e cravo*, op. 87

Francesco Geminiani (1687-1762) *Concerto Grosso em Ré menor*, H. 143, *La Folia*

Nino Rota (1911-1979) *Concerto per l'archi*

Antonio Vivaldi (1678-1741) *As Quatro Estações*, op. 8, n.º 1-4

Violino **Janine Jansen**

Violino e direção musical **Gregory Ahss**

Camerata de Salzburgo

Sinfonia n.º 7 de Beethoven **Orquestra Metropolitana de Lisboa e Pietari Inkinen**

24 maio 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Rui Campos Leitão.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

A *Sétima* de Beethoven é uma sinfonia que alterna tipologias de danças populares com arquétipos militares. Mas tem um momento de grande contraste, na afetação expressiva de um dos mais famosos segundos andamentos de todo o repertório sinfónico. Combinando euforia e introspeção, convida o ouvinte para embarcar numa experiência sublime. Não por acaso, foi utilizada em filmes tão distintos como *O Discurso do Rei* e *X-Men*. Neste programa é precedida de duas obras intimistas, ambas inspiradas em grandes paixões. *Idílio de Siegfried* é a serenata com que Wagner despertou o sono de Cosima Liszt em dia de aniversário. A suíte *Pelléas et Mélisande*, de Sibelius, reúne partes musicais de uma produção teatral do texto homónimo de Maurice Maeterlinck, que nos conta uma tragédia amorosa passada no reino fictício de Allemonde. A direção musical é de Pietari Inkinen, maestro titular da Orquestra Filarmónica da Rádio Alemã de Saarbrücken e Kaiserslautern nos últimos oito anos, formado em Helsínquia, na Academia Sibelius.

Richard Wagner (1813-1883) *Idílio de Siegfried*

Jean Sibelius (1865-1957) *Pelléas et Mélisande* (Suíte)

Ludwig van Beethoven (1770-1827) *Sinfonia n.º 7*

Direção Musical **Pietari Inkinen**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

Scheherazade de Rimsky-Korsakov **Orquestra Sinfónica Portuguesa** **e Alondra de la Parra**

7 junho 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por convidado a anunciar

Uma das mais empolgantes diretoras de orquestra da atualidade, a maestra mexicana Alondra de la Parra dirige a Orquestra Sinfónica Portuguesa num programa orquestral inteiramente dedicado a sonoridades e imaginários da Andaluzia ao Oriente Próximo.

O concerto abrirá com a suíte do bailado *El amor brujo*, do compositor espanhol Manuel de Falla, mergulhando-nos no ambiente místico e sensual do folclore andaluz. Segue-se o poema sinfónico *Till Eulenspiegels lustige Streiche*, no qual Richard Strauss recria, com virtuosismo e humor, as aventuras de Till Eulenspiegel, o célebre e travesso herói do folclore alemão. A encerrar, *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov, fascina pelo exotismo melódico e pelo brilho da orquestra, transformando em som as histórias inesgotáveis de *Mil e Uma Noites*. Três partituras que reinventam mitos e tradições através da linguagem sinfónica, explorando diferentes geografias e estilos.

Reconhecida pela energia e profundidade das suas interpretações, Alondra de la Parra trará ao CCB a experiência adquirida à frente das mais conceituadas orquestras mundiais. Sob a sua batuta, a Orquestra Sinfónica Portuguesa dará, então, voz a um programa em que a música se torna narrativa e espetáculo de cor e emoção.

Manuel de Falla (1876-1946) *El amor brujo* (Suíte)

Richard Strauss (1864-1949) *Till Eulenspiegels lustige Streiche*

Nicolai Rimsky-Korsakov (1844-1908) *Scheherazade*

Direção Musical **Graeme Jenkins**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Sinfonia n.º 9 *Novo Mundo* de Dvořák

Orquestra XXI

18 julho 2026

Grande Auditório

M/6

Conversa pré-concerto por Dinis Sousa.

[Atividade exclusiva para portadores de bilhete para o concerto].

A Orquestra XXI é uma iniciativa cultural inovadora, que reúne músicos portugueses residentes no estrangeiro. Dirigida desde a sua criação pelo maestro Dinis Sousa, a Orquestra XXI é hoje reconhecida como uma das comunidades culturais mais inspiradoras de Portugal, com apresentações que vêm sendo aclamadas pelo público nacional e pela crítica especializada.

Em Julho de 2026, a Orquestra XXI regressa ao Centro Cultural de Belém para um programa dedicado à Sinfonia n.º 9 de Antonín Dvořák. Estreada em 1893, na cidade de Nova Iorque, a célebre Sinfonia do ‘Novo Mundo’ combina elementos da tradição musical afro-americana com uma escrita de inspiração clássica, sendo considerada uma das obras mais populares do repertório sinfónico.

Antonín Dvořák *Sinfonia n.º 9 em Mi menor*, Op. 95 ‘Novo Mundo’

I. *Adagio – Allegro molto*

II. *Largo*

III. *Scherzo: Molto vivace*

IV. *Allegro con fuoco*

Direção Musical **Dinis Sousa**

Orquestra XXI



A Música Sacra e o Poder Régio em Portugal na segunda metade do séc. XVIII
Rui Vieira Nery



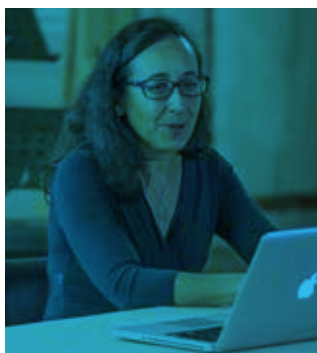
Música Barroca + Conferência Notas de Música
Baixos da Patriarcal: Missa a 4
de António Puzzi
Ensemble Bonne Corde
© DR



Johann Sebastian Bach — da tradição à herança
Eugénio Amorim



Música Barroca + Conferência Notas de Música
A Dinastia Bach
Orquestra de Câmara Portuguesa e Julien Chauvin
Julien Chauvin
© Marco Borggreve



Metamorfoses do Concerto Barroco
Cristina Fernandes



Música Barroca + Conferência Notas de Música
Concertos para violino de Bach
Ensemble Diderot
© Julien Benhamou

Ciclo Sexta Maior

+ Ciclo de Conferências Notas de Música

Música Barroca + Conferência Notas de Música

Baixos da Patriarcal: Missa a 4 de António Puzzi

Ensemble Bonne Corde

26 setembro 2025

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

Nas últimas décadas do século XVIII, surgiu na corte portuguesa uma tipologia de escrita única no contexto europeu: repertório sacro com partes solísticas para dois violoncelos e dois fagotes no acompanhamento das vozes. O aparecimento deste repertório foi motivado por diferentes circunstâncias, mas a mais significativa será o facto de a Capela Patriarcal, responsável pela produção musical sacra da corte, ter por tradição a escrita para vozes e baixo contínuo, estando a utilização da orquestra reservada a ocasiões especiais, de maior aparato. Quando, nas últimas décadas do século XVIII, a escrita para baixo contínuo caiu em desuso e vigoraram os modelos estéticos clássicos, esta condicionante foi contornada através da engenhosa transfiguração dos papéis dos instrumentos do baixo.

Esta «orquestra» de instrumentos graves tornou-se uma tradição na corte portuguesa até às primeiras décadas do século XIX, não tendo esta sido recuperada até aos nossos dias. A recorrência desta instrumentação na corte, e mais tarde noutros pontos do país, é atestada não só em diversas fontes documentais, como também no alargado número de obras sobreviventes. Com *Baixos da Patriarcal*, o Ensemble Bonne Corde apresenta em estreia moderna a *Messa a quatro voci, con Violoncelli, Fagotti, Basso, ed Organo* (1793), de António de Pádua Puzzi, naquela que é também a primeira recuperação desta tipologia instrumental. A edição discográfica deste projeto foi editada em julho de 2025 pela editora belga Ramée (Outhere-Music), assim como a edição da partitura pelo MPMP – Património Musical Vivo.

António de Pádua Puzzi (c. 1762-1819) foi um dos vários compositores da corte a escrever para esta instrumentação, sendo um dos nomes por descobrir na história da música portuguesa. Filho do baixo italiano Tadeo Puzzi, foi batizado em Dresden e chegou a Lisboa ainda criança, quando o seu pai entrou ao serviço da corte portuguesa. Começou os seus estudos no Seminário da Patriarcal, em 1776, e foi contratado como cantor pela Capela Real, em 1782. Mais tarde foi nomeado compositor de câmara da Rainha D. Maria I e, em 1804, tornou-se, por ordem do Príncipe Regente D. João, Mestre de Capela da Basílica de Mafra, tendo uma grande parte da sua obra sido destinada aos seis órgãos da instituição.

37

António de Pádua Puzzi (c. 1762-c.1819) *Messa a quatro voci, con Violoncelli, Fagotti, Basso, ed Organo* (1793) [Arquivo da Fábrica da Sé Patriarcal (P-Lf) Ms.178/7]

Violoncelo e direção artística **Diana Vinagre**. Sopranos **Ana Quintans, Raquel Mendes**
Contraltos **Gabriel Diaz, António Lourenço Menezes**. Tenores **Rodrigo Carreto,**
Fernando Guimarães. Baixos **Hugo Oliveira, Luís Rendas Pereira**. Violoncelo **Rebecca Rosen**.
Fagotes **Tomasz Wesolowski, Kamila Marcinkowska-Prasad**. Contrabaixo **Marta Vicente**.
Órgão **Fernando Miguel Jalôto**

Ciclo de Conferências – Notas de Música

A Música Sacra e o Poder Régio em Portugal
na segunda metade do séc. XVIII

Rui Vieira Nery

26 setembro 2025

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

Na primeira conferência do Ciclo Notas de Música, o Prof. Rui Vieira Nery irá abordar as relações entre a música sacra e o poder régio em Portugal na segunda metade do século XVIII — um período marcado por profundas transformações culturais, políticas e religiosas.

Recital de piano + Conferência Notas de Música

Aonde a Terra Acaba: de Bach a Laginha

Pedro Emanuel Pereira

31 outubro 2025

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

O multipremiado pianista e compositor Pedro Emanuel Pereira apresenta-se pela primeira vez a solo no CCB. Num programa que vai de Bach a Laginha, o artista apresenta um conjunto de obras que fazem parte do seu mais recente álbum discográfico, *Aonde a Terra Acaba*, com selo da editora OClassica.

Neste programa de concerto, que une a música contemporânea portuguesa e a música alemã, o artista pretende homenagear os 340 anos de nascimento de Bach, os 130 de Hindemith, os 85 anos de António Victorino d'Almeida, os 65 anos de Mário Laginha, num ano em que o artista completa os seus 35 anos de vida.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) *Partita n.º 6*

António Victorino d'Almeida (1940) *Prelúdio e Fuga n.º 2*, op. 25

(obra dedicada a Pedro Emanuel Pereira)

Mário Laginha (1960) *Lugar bem situado e Fuga em Ré Maior*

Paul Hindemith (1895-1962) *Sonata n.º 3*

Pedro Emanuel Pereira (1990) *Suíte Aonde a terra acaba*, op. 11

Piano **Pedro Emanuel Pereira**

Ciclo de Conferências – Notas de Música

Onde a Terra acaba e a Invenção começa

Sofia Lourenço

31 outubro 2025

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

A relação entre compositor e intérprete é o ponto de partida desta conferência de Sofia Lourenço, integrada no recital de piano *Aonde a Terra Acaba*, de Pedro Emanuel Pereira. Com enfoque na tradição da criação musical e na reinvenção interpretativa, esta reflexão propõe um olhar sobre o diálogo entre repertórios clássicos germânicos e a música portuguesa contemporânea. A conferência antecipa uma *performance* marcada pela diversidade estilística e pelo cruzamento de linguagens, culminando numa reinvenção pianística da icónica canção *Verdes Anos*, de Carlos Paredes.

Recital de canto e piano + Conferência Notas de Música

Paisagens marítimas

André Baleiro e David Santos

21 novembro 2025

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

Com a sua imensidão, força e beleza, o seu ritmo vital e as suas múltiplas facetas, o mar exerce, desde sempre, uma atração e fascínio irresistíveis sobre os sentidos, a mente e a imaginação, sendo uma fonte de inspiração inesgotável para poetas e compositores.

Este recital convida o público a embarcar numa viagem pelo mundo da canção de câmara, conduzindo-o por um programa variado e contrastante e atravessando fronteiras linguísticas e musicais.

Dividido em grupos temáticos, o concerto inicia-se com o irresistível impulso de partir pelo mar adentro à procura de novas aventuras e experiências, à descoberta de ilhas desconhecidas e do sedutor, mas perigoso canto das sereias. A segunda parte contempla o mar em todo o seu grandioso esplendor, os seus mágicos efeitos de luz no crepúsculo, a angústia das tempestades — e apresenta-o como cenário de histórias de amor, por vezes propício, por vezes ameaçador.

Cada canção revela um momento distinto da relação profunda e simbólica do ser humano com este elemento tão determinante da natureza e da história de Portugal e da humanidade. Peças de 17

compositores diferentes criam uma paisagem sonora onde o mar surge como força motriz, ambiente de sonho e espelho das emoções humanas.

Uma posição central ocupa o poema *Horizonte*, de Fernando Pessoa, posto em música por Fernando Lopes-Graça:

«O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade.»

Cada grupo de canções será introduzido por uma breve moderação, guiando o público ao longo desta viagem e convidando-o a mergulhar nas profundezas do oceano e da alma.

Charles Villiers Stanford (1852-1924) *Joy, shipmate, joy!* (Walt Whitman)

Gabriel Fauré (1845-1924) *Je me suis embarqué sur un vaisseau qui danse* (Jean de la Ville de Mirmont)

Robert Schumann (1810-1856) *Abends am Strand* (Heinrich Heine)

Benjamin Britten (1913-1976) *Seascape* (Wystan Hugh Auden)

Luís de Freitas Branco (1890-1955) *Sonho Oriental* (Antero de Quental)

Henri Duparc (1848-1933) *La vie antérieure* (Charles Baudelaire)

Franz Schubert (1797-1828) *Der Fischer* (Johann Wolfgang von Goethe)

Arthur Honegger (1892-1955) *Berceuse de la sirène* (René Morax)

Johannes Brahms (1833-1897) *Versunken* (Felix Schumann)

Gustav Mahler (1860-1911) *Phantasie aus Don Juan* (Ludwig Braunfels)

Rebecca Clarke (1886-1979) *The Seal Man* (John Masefield)

Gabriel Fauré *La mer est infinie et mes rêves sont fous* (Jean de Ville de Mirmont)

Claude Debussy (1862-1918) *De grève* (Claude Debussy)

Ottorino Respighi (1879-1936) *O falce di luna* (Gabriele D'Annunzio)

Johannes Brahms *Verzagen* (Karl Lemcke)

Arnold Schönberg (1874-1951) *Am Strande* (Rainer Maria Rilke)

Fernando Lopes-Graça (1906-1994) *Horizonte* (Fernando Pessoa)

Luís de Freitas Branco *Idílio* (Antero de Quental)

Ernest Chausson (1855-1899) *Sérénade italienne* (Paul Bourget)

Johannes Brahms *Meerfahrt* (Heinrich Heine)

Gabriel Fauré *La fleur qui va sur l'eau* (Catulle Mendès)

Fernando C. Lapa (1950) *O céu, a terra, o vento sossegado* (Luís de Camões)

Viktor Ullmann (1898-1944) *Sturmlied* (Ricarda Huch)

Ciclo de Conferências – Notas de Música

Músicas do Mar

Paulo Ferreira de Castro

21 novembro 2025

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

«A música muitas vezes me leva como um mar!», escreveu Charles Baudelaire, evocando as afinidades profundas entre a força arrebatadora do oceano e o poder dos sons musicalmente organizados.

Não admira, pois, que numerosos compositores, em diferentes épocas, tenham encontrado no mar uma fonte de inspiração para a criação musical, em evocações sonoras que percorrem, metaforicamente, toda a gama de ambientes oceânicos — desde a ondulação tranquila das águas até à fúria desenfreada dos elementos. Nesta conferência, abundantemente ilustrada com exemplos audiovisuais, serão abordados autores e obras particularmente emblemáticos desse ponto de vista, com destaque para Wagner, Rimsky-Korsakov, Debussy, Britten e Takemitsu.



**Concertos Comentados
– Coro**

Kantantza: voz em movimento

**Coro Juvenil da
Universidade de
Lisboa**

© DR



**Concertos Comentados
– Recital de piano**

***A Rainha da Neve*
de Hans Christian
Andersen**

Diana Botelho Vieira

Susana Henriques

© Marcelo Albuquerque



**Concertos Comentados
– Ensemble**

***A História do
Pequeno Alfaiate*
de Tibor Harsányi
ars ad hoc**

© Andre Delhay

A Dinastia Bach

Orquestra de Câmara Portuguesa e Julien Chauvin

12 dezembro 2025

Pequeno Auditório

M/6

O celebrado violinista e maestro francês Julien Chauvin (fundador do agrupamento parisiense Le Concert de la Loge), junta-se pela primeira vez à energia incandescente da Orquestra de Câmara Portuguesa para celebrar a grande música de Telemann, Vivaldi e da família Bach. Reconhecido pelo seu virtuosismo e espontaneidade, Julien Chauvin irá ainda partilhar o palco com a jovem violinista premiada Maria Reis Sá (aluna da Jovem Orquestra Portuguesa), para uma rendição luminosa do concerto duplo de Bach, numa noite inesquecível de intensidade, imaginação e fulgor.

Antonio Vivaldi (1678-1741) *Sinfonia em Sol menor, RV 156*

Johann Christoph Friedrich Bach (1732-1795) *Sinfonia em Ré menor*

Carl Philipp Emanuel Bach (1714-1788) *Sinfonia em Dó Maior, Wq 182/3*

Johann Sebastian Bach (1685-1750) *Concerto para dois violinos em Ré menor, BWV 1043*

Georg Philipp Telemann (1681-1767) *Suíte de Don Quixote*

Violino **Maria Reis Sá**

Direção musical **Julien Chauvin**

Orquestra de Câmara Portuguesa

Ciclo de Conferências – Notas de Música

Johann Sebastian Bach — da tradição à herança

Eugénio Amorim

12 dezembro 2025

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

Johann Sebastian Bach (1685–1750) é uma figura central na história da música ocidental. A sua obra não apenas sintetiza séculos de tradição musical, como também projeta uma influência duradoura que atravessa estilos, épocas e fronteiras culturais.

As raízes estilísticas e culturais de Bach remontam provavelmente a uma linhagem familiar profundamente musical, cuja importância na sua formação é inegável. Desde Veit Bach, considerado o patriarca musical da família, os Bach cultivaram um legado artístico notável por gerações. Após a morte dos seus pais, quando tinha cerca de 10 anos, Johann Sebastian foi acolhido pelo seu irmão mais velho, Johann Christoph Bach, organista em Ohrdruf. Foi sob a sua orientação que o jovem Bach recebeu uma formação musical mais aprofundada, especialmente em órgão, cravo e composição, num ambiente que combinava rigor técnico e imersão espiritual.

A origem de Bach numa família de músicos, enraizada na tradição luterana da Alemanha central, moldou profundamente a sua linguagem musical. Ao longo da sua trajetória, assimilou influências diversas: da expressividade e clareza harmónica italiana, com os seus contrastes e formas claras, à rica polifonia do norte da Alemanha, passando pela elegância da música francesa. Essa síntese manifesta-se na sua obra com notável profundidade espiritual e simbolismo, evidentes sobretudo nas suas obras sacras, mas não só, onde a música transcende a técnica para se tornar veículo de fé e reflexão.

O legado de Bach estendeu-se também através dos seus filhos — Wilhelm Friedemann, Carl Philipp Emanuel, Johann Christoph Friedrich e Johann Christian — todos músicos e compositores brilhantes. As suas obras marcam a transição entre o barroco e o classicismo, refletindo a influência paterna ao mesmo tempo em que abrem novas direções estéticas. Além disso, foram fundamentais na preservação e difusão da música do seu pai, cuja receção moderna se começou a consolidar no século XIX.

Um momento decisivo dessa redescoberta ocorreu em 1829, quando Felix Mendelssohn dirigiu uma histórica interpretação da *Paixão segundo São Mateus*. Este evento marcou o renascimento do interesse por Bach e a sua consagração definitiva no imaginário musical europeu.

Hoje, a música de Bach permanece viva e essencial. É fundamento na formação de músicos, objeto de incontáveis gravações e referência constante em estudos teóricos. As suas obras atravessam meios e formatos — do cinema à literatura, da interpretação historicamente informada à fusão com linguagens contemporâneas. Mais do que um compositor do passado, Bach é uma presença viva, fonte de inspiração filosófica, espiritual e artística para públicos dos mais diversos contextos.

Recital de piano + Conferência Notas de Música

Variações Goldberg de Bach

Pedro Burmester

30 janeiro 2026

Pequeno Auditório

M/6

No âmbito do ciclo *Sexta Maior*, Pedro Burmester apresenta ao vivo a sua leitura renovada das *Variações Goldberg*, de Johann Sebastian Bach, numa interpretação «em pura intuição», como escreveu Valter Hugo Mãe. Décadas após a sua primeira gravação, Burmester regressa a esta obra com a liberdade dos mestres e a maturidade de quem a habita por dentro. Cada variação ganha identidade própria, num percurso emotivo que oscila entre a contenção luminosa e a interioridade mais dilacerada. A *Variação XXV*, por exemplo, é, nas palavras de Valter Hugo Mãe, «mais morredora e suscita a mais brilhante interioridade». Neste recital, escutaremos a alquimia entre rigor e entrega, técnica e emoção — «o encontro de perfeitos: Bach e Burmester.» Um momento raro em que a música se transforma em matéria viva e a escuta se aproxima do sagrado.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) *Variações Goldberg*, BWV 988

Piano **Pedro Burmester**

Ciclo de Conferências – Notas de Música

Variações sobre a variação

Paulo Ferreira de Castro

30 janeiro 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

O termo «variações» designa uma técnica de composição amplamente cultivada em diferentes contextos e estilos musicais, mas também um género musical em sentido próprio, baseado nessa mesma técnica. Na origem, a arte da variação consiste num jogo de repetição e diferença, com raízes em antigos preceitos retóricos, visando o reforço e a variedade da expressão — em linguagem comum, a arte de «dizer a mesma coisa por outras palavras». Na aceção mais especificamente musical, o princípio da variação alimentou o engenho dos compositores de todas as épocas, ao promover a invenção de formulações sempre novas de uma mesma ideia musical.

Nesta conferência, abundantemente ilustrada com materiais audiovisuais, serão abordados diferentes exemplos da arte da variação musical numa panorâmica histórica entre o século XVI e a atualidade.

Música Medieval + Conferência Notas de Música

As Canções de D. Dinis, o rei Trovador

Na Rota do Peregrino

27 fevereiro 2026

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

O novo projeto de criação do *ensemble* Na Rota do Peregrino, sob direção de Daniela Tomaz (Ensemble Med) e direção musical do medievalista Maurício Molina (City University of New York), intitula-se *As Canções de D. Dinis, o Rei Trovador* e inspira-se nas comemorações dos 700 anos da sua morte, em 2025. O repertório escolhido traz de volta à vida as composições do rei Dom Dinis (1261 – 1325), através de uma reconstrução cuidada e historicamente informada das suas sete cantigas de amor (com base nos fragmentos de Sharrer).

Esta reconstrução será apoiada pela utilização de uma pronúncia histórica da língua e pelo acompanhamento instrumental. Outras composições contemporâneas da coleção *Cantigas de Santa Maria*, da tradição trovadoresca/*trouvère* e do manuscrito *Codex Calixtinus*, que possam ter influenciado a obra poética e musical de D. Dinis, serão também interpretadas para situar as cantigas de amor do rei no contexto cultural da época.

Direção musical, pandeiro, adufe, timbale, berimbau de boca **Maurício Molina**

Direção, flauta travessa, sinos pitagóricos **Daniela Tomaz**

Meio-soprano **Joana Godinho**

Meio-soprano e harpa medieval **Maria Bayley**
Tenor **Thiago Vaz**. Viela **Anja Kolaric**
Cítola **Enrique Pastor**
Órgão portativo **Carme Mampel**

Ciclo de Conferências – Notas de Música

O rei D. Dinis e a música

Manuel Pedro Ferreira

27 fevereiro 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

O rei D. Dinis não só fundou a Universidade em Lisboa, como aí instituiu, em 1323, a cadeira de Música, de cujo carácter académico se dará conta. A relevância do rei para a atividade musical tem que ver, não obstante, com o seu papel na tradição lírica trovadoresca em galego-português, enquanto mecenas e criador. Entre as suas muitas cantigas, sete chegaram-nos com notação musical no chamado Pergaminho Sharrer, descoberto em 1990 na Torre do Tombo. Este documento revela-nos uma faceta da sua arte que os textos poéticos, conhecidos desde o século XIX, não deixavam adivinhar.

Música Barroca + Conferência Notas de Música

Concertos para violino de Bach

Ensemble Diderot

6 março 2026

Pequeno Auditório

M/6

Bach e o Violino é o tema deste concerto do Ensemble Diderot e de Johannes Pramsohler — uma oportunidade para recordar que Bach não foi apenas um brilhante cravista, mas também um violinista exímio, conhecido por tocar «de forma pura e penetrante». A sua primeira grande nomeação foi, precisamente, como violinista em Weimar, o que o conduziu a cargos de destaque como concertino e diretor das orquestras de câmara das cortes de Weimar, Köthen e Leipzig. Os seus *Concertos para violino* terão sido compostos para estes *ensembles*, nos quais também interpretava obras de compositores contemporâneos que admirava profundamente. Entre eles encontravam-se Telemann e Vivaldi, cujos concertos para três violinos sublinham o vibrante diálogo musical da época e o papel central que o violino desempenhava no universo musical de Bach.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) *Concerto para violino em Lá menor*

Johann Sebastian Bach *Concerto para violino em Mi maior*

Georg Philipp Telemann (1681-1767) *Concerto para três violinos de Tafelmusik*

Antonio Vivaldi (1678-1741) *Concerto para três violinos em Fá maior*

Christoph Schaffrath (1709-1763) *Concerto para cravo*

Primeiro violino e direção musical **Johannes Pramhsoler**

Ensemble Diderot

Ciclo de Conferências – Notas de Música

Metamorfoses do Concerto Barroco

Cristina Fernandes

6 março 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

Durante o período Barroco, desenvolveram-se novos géneros musicais, entre os quais o «concerto» assume um papel preponderante. Assente no princípio do contraste ou da oposição entre grupos sonoros (*solí/tutti* ou *concertino* e *ripieno*), mas também do diálogo e da teatralidade que emerge dessa interação, pode considerar-se como uma espécie de ideal do Barroco musical. Entre finais do século XVII, e meados do século XVIII surgiram três categorias principais de concerto instrumental (*concerto grosso*, concerto a solo e *concerto di gruppo*) mas suficientemente flexíveis para permitir múltiplas variantes. O protagonismo dos solistas contribuiu também para o crescente desenvolvimento do virtuosismo instrumental. Desde Roma e do Norte de Itália, com destaque para figuras como Corelli e Vivaldi, as distintas tipologias de concerto



**Música no Museu –
Recital de piano
*Silêncio em três
tempos surreais*
Ana Telles**
© João de Bettencourt Bacelar



**Música no Museu
– Recital de piano
Sonatas e Interlúdios
de John Cage
Elsa Silva**
© Perseu Mandillo

**Música no Museu –
Recital de canto
Três Vozes
(Three Voices)
de Morton Feldman
Camila Mandillo**
© DR



expandiram-se rapidamente a territórios como a Alemanha, a França ou a Inglaterra, através da circulação de músicos e partituras manuscritas e impressas. Compositores e instrumentistas assimilaram, recriaram e adaptaram essas práticas, combinando-as com as suas próprias culturas, e experimentaram novos recursos, como sucedeu com J. S. Bach, G. F. Telemann ou Christoph Schaffrath. A conferência propõe uma panorâmica das principais metamorfoses do concerto como género musical durante a primeira metade de setecentos, relacionando-as com os seus protagonistas (compositores, intérpretes, patronos, mecenas, editores) e com possíveis espaços performativos (cortes, igrejas, teatros, academias, cafés), dando especial destaque aos contextos de criação e às particularidades musicais das obras que integram o programa.

Orquestra + Conferência Notas de Música

Sinfonia n.º 41 «Júpiter» de Mozart

London Mozart Players

10 abril 2026

Pequeno Auditório

M/6

London Mozart Players é a Orquestra de Câmara mais antiga do Reino Unido, fundada há mais de 75 anos por Harry Blech, com o intuito de apresentar obras de Mozart e Haydn.

Durante as últimas décadas, o repertório da orquestra tem-se alargado para permitir a criação de experiências musicais ousadas, ambiciosas e acessíveis a uma grande variedade de públicos. A orquestra continua também a sua longa tradição de promover jovens talentos, tais como Nicola Benedetti, Jacqueline du Pré ou Jan Pascal Tortellier, três dos muitos jovens virtuosos que foram apoiados pela LMP no início das suas carreiras.

Na sua visita a Portugal, a afamada orquestra londrina interpretará o icónico concerto para violoncelo e orquestra N.º 1, de Shostakovich, com o violoncelista, Filipe Quaresma, e a derradeira sinfonia de Mozart, N.º 41, com o epíteto “Júpiter”, obra de uma imponência singular na história da música ocidental. Completa o programa a peça concertante, “Todo o Teatro é um Muro Branco de Música”, inspirada pela poesia de Fernando Pessoa, do compositor, Nuno Côrte-Real, que também assume a direção musical do concerto.

Este programa é copresentado pela Temporada Darcos e o CCB, com o apoio da Direção Geral das Artes, da Câmara Municipal de Torres Vedras e da Câmara Municipal de Lisboa.

Dmitri Shostakovich (1906-1975) Concerto N.º 1 para violoncelo e orquestra

Solista Filipe Quaresma

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) Sinfonia N.º 41, *Júpiter*

Nuno Côrte-Real (1971) *Todo O Teatro é um Muro Branco de Música*

Direção Musical Nuno Côrte-Real

London Mozart Players

Ciclo de Conferências – Notas de Música

A sinfonia em finais do século XVIII: aspetos históricos e estilísticos

Luís Miguel Santos

10 abril 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

A sinfonia foi um dos géneros musicais que mais se destacou na cultura europeia setecentista. Estima-se, de facto, que só nesse período tenham sido compostas perto de vinte mil obras, numa grande variedade de formatos. Após passar em revista as origens e o desenvolvimento inicial do género, esta conferência explora a história da sua transformação estilística nas últimas décadas do século XVIII, considerando os contributos de múltiplos protagonistas em diferentes pontos geográficos, nomeadamente a produção final de J. Haydn e W. A. Mozart, mas também de figuras como J. C. Bach, C. P. E. Bach, C. Cannabich, F.-J. Gossec, C. D. von Dittersdorf e alguns outros. Muito para além do objeto sonoro, a sinfonia é igualmente entendida como um testemunho eloquente das mudanças socioculturais que marcaram essa era.

Sobre a beleza: da música renascentista à música dos nossos dias

Huelgas Ensemble

22 maio 2026

Pequeno Auditório

M/6

À semelhança do que Franz Liszt fez com *Après une lecture du Dante*, Paul Van Nevel concebeu este programa após a leitura de *Hypnerotomachia Poliphili* (*O Sonho de Poliphilo*), de Francesco Colonna (1432–1527). Nesta obra singular, Colonna descreve a busca onírica de Poliphilo pela sua amada Polia. O sonho retrata com pormenor minucioso todos os elementos estéticos que moldam o universo sensorial de Poliphilo: a arquitetura, a natureza (até aos aromas), as flores, as joias, a literatura e a música, a dança, a cultura da Antiguidade, a elegância física, os rituais antigos e, acima de tudo — naturalmente —, o amor, com todos os seus prazeres e desilusões lançados por Cupido.

Paul Van Nevel sobre este programa:

«Após ler *O Sonho de Poliphilo*, compreendi que os ideais de beleza do Renascimento funcionam como uma ponte que liga todas as épocas estilísticas: da Idade Média (Petrarca) ao Renascimento (os madrigalistas e polifonistas) e até ao século XIX, tão fascinado pelas culturas antigas (Liszt). Este programa não trata do Renascimento, mas sim da beleza — inspirada pela definição que surge na primeira edição do Dicionário Van Dale (1872, p. 936): *Romantismo: gosto pela Idade Média.*»

Anónimo (1563) *Alma che scarca*

Anónimo (c. 1380) *Je sui trestout damour raimpli*

Max Reger (1873–1916) *Es waren zwei Königskinder*

Nicolas Craen (c. 1470–1507) *Ave Maria*

Jacobus Gallus (1550 - 1591) *Mirabile Mysterium*

Jacobus Gallus *Planxit David*

Pierre Sandrin (c. 1490-1561) *Puisque vivre en servitude*

Willem Ceuleers (1962) *Io non so ben*

Cipriano de Rore (1515–1565) *Donec gratus eram tibi* (texto: Horácio)

Luca Marenzio (c. 1553–1599) *Solo e pensoso* (texto: Francesco Petrarca)

Anónimo (c. 1390) *Dardant desir / Se fus d'amer / Nigra est set formosa*

Max Reger *Der Mensch lebt und bestehet nur eine kleine Zeit* (texto: Matthias Claudius)

Philippus de Monte (1521–1603) *Fui preso fui ferito*

Ludwig Senfl (c. 1490–1543) *Mollis inertia* (texto: Horácio)

Direção Musical **Paul Van Nevel**

Huelgas Ensemble

Ciclo de Conferências – Notas de Música

O belo em som: viagem através dos séculos

Manuel Pedro Ferreira

22 maio 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

A partir da *Batalha de Amor no Sonho de Polifilo*, Paul van Nevel concebeu um programa em que a beleza é o fio condutor entre obras dos séculos XIV e XVI e alguma música mais recente. Nesta conferência serão exploradas as transformações do conceito de beleza musical no Renascimento e as suas ramificações na época contemporânea.

Música Barroca | Dança + Conferência Notas de Música

Da desordem das paixões

Os Músicos do Tejo e Sofia Dias & Vítor Roriz

26 e 27 junho 2026

Grande Auditório

M/6

Ciclo de Conferências – Notas de Música

A definir

Paulo Pires do Vale

26 junho 2026

Sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça

Concertos Comentados

Coro

Kantantza: voz em movimento

Coro Juvenil da Universidade de Lisboa

Concerto comentado por **Alexandre Delgado**

5 outubro 2025

Pequeno Auditório

M/6

47

As produções do Coro Juvenil da Universidade de Lisboa exprimem o impulso primeiro do movimento com a música: um todo combinado, em que o repertório coral exigente e de elevada qualidade artística se funde com a dança e a representação para produzir uma experiência emocionalmente rica, tanto para os intérpretes como para o público. O espetáculo percorre cerca de quatro séculos de música coral, sem necessariamente seguir uma linha temporal, mas antes criando pontes expressivas entre compositores tão diversos como Monteverdi, Lopes-Graça, Rameau, Whitacre, Rossini, Fauré, Britten, Jukka Linkola, Chris Sivak ou Dan Walker.

Kantantza é um espetáculo em que o movimento não compete com a produção vocal e musical cuidada — antes se alia a elas para criar uma experiência única e inesquecível.

Obras de **Claudio Monteverdi, Fernando Lopes-Graça, Jean-Philippe Rameau, Eric Whitacre, Morten Lauridsen, G. Rossini, Gabriel Fauré, João Camacho, Benjamin Britten, Jukka Linkola, Dan Walker, Chris Sivak**, entre outros.

Direção Musical **Erica Mandillo**

Piano **João Lucena e Vale**

Apoio Técnico **Miguel Robert**

Coralistas **Alice Luís, Alice Marques, Beatriz Alves, Camila Costa, Carolina**

Guimarães, Catarina Pinto, Clara Bacharel, Daniel Melenas, David Alves, Félix Nunes

Robb, Francisca Soares, Gustavo Luz, Inês Lourenço, Joana Cabral, Joana Madeira

Cameirão, Joana Ribeiro, João Bacharel, João Hörnig, Johanna Ahamad, José Louro, Júlia

Núncio, Leonor Tomé, Lucas Robert, Madalena Cardeira, Madalena Santos, Mafalda Simões

Correia, Manuel Mota, Maria Beatriz Gonçalves, Leonor Lourenço, Maria Carita, Maria

Grilo, Maria Santos, Mariana Amaro, Mariana Eiró, Mariana Pereira, Matias Rodrigues,

Matilde Luís, Matilde Rosa, Matilde Valadas, Sara Robert, Simão Guerreiro, Sofia Santos,

Sofia Vale, Tiago Saad, Tiago Varela da Silva, Tomás Costa, Tomás Silva, Tomé Beles, Vasco

Pinto Gonçalves, Vasco Varela da Silva

Recital de piano

A Rainha da Neve de Hans Christian Andersen

Diana Botelho Vieira

Concerto comentado por **Susana Henriques**

30 novembro 2025

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

Neste concerto cruzam-se dois gigantes da arte europeia: Piotr Ilitch Tchaikovsky e Hans Christian Andersen. Assinalando os 150 anos da morte do autor dinamarquês, damos nova vida ao seu conto encantado *A Rainha da Neve*, narrado ao som das delicadas peças do *Álbum para as crianças*, op. 39, de Tchaikovsky.

Vamos ouvir algumas destas peças, compostas em 1878 e dedicadas ao seu sobrinho Vladimir Davydov, que, na altura, tinha apenas sete anos. Entre palavras e notas, seguimos a jornada corajosa de Gerda em busca do seu amigo Kai, perdido no reino gelado da Rainha da Neve. As peças de Tchaikovsky, compostas com ternura, imaginação e alma, acompanham cada momento da história, evocando paisagens, emoções e personagens com lirismo e sensibilidade.

Um concerto para todas as idades, onde a música e a narrativa se entrelaçam num conto de amizade, coragem e esperança.

Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) *Álbum para as crianças*, op. 39

Piano **Diana Botelho Vieira**

Orquestra

A Minha Mãe Ganso de Ravel

Sinfonietta de Lisboa

Concerto comentado por **Susana Henriques**

14 dezembro 2025

Pequeno Auditório

M/6

Na sequência do concerto comentado apresentado pela Sinfonietta de Lisboa, sob a direção musical de Vasco Pearce de Azevedo e com narração de Susana Henriques, no Pequeno Auditório do CCB com a obra para crianças *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev, a direção artística do CCB volta a convidar os mesmos intervenientes para apresentar outro concerto comentado, desta feita com a obra para crianças *A Minha Mãe Ganso*, de Maurice Ravel, compositor francês de quem se assinala em 2025 os 150.º aniversário do nascimento. A abrir o concerto será interpretada outra composição emblemática de Ravel, a *Pavane Pour Une Infante Défunte*.

Maurice Ravel (1875-1937) *Pavane Pour Une Infante Défunte*; *A Minha Mãe Ganso*; *Pavane de la belle au bois dormant*; *Petit poucet*; *Laideronette impératrice des pagodes*; *Les entretiens de la belle et de la bête*; *Le jardin féerique*

Direção Musical **Vasco Pearce de Azevedo**

Sinfonietta de Lisboa

Ensemble

As Aventuras de Pinóquio no País dos Brinquedos **de Michael Gandolfi**

Hexars Ensemble

Concerto comentado por **Susana Henriques**

11 janeiro 2026

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

Nesta viagem musical inspirada no universo encantado de *As Aventuras de Pinóquio*, o público é convidado a acompanhar o célebre boneco de madeira numa das suas mais fascinantes peripécias — a passagem pelo misterioso e sedutor País dos Brinquedos. Através da música expressiva do compositor Michael Gandolfi, a narrativa ganha vida com sons que evocam a curiosidade, a alegria, mas também os perigos e ilusões escondidos por detrás de um mundo aparentemente perfeito.

A obra é interpretada por um *ensemble* composto por flauta, clarinete, violino, violoncelo, piano e percussão — uma formação que permite uma paleta sonora rica e contrastante, ideal para ilustrar, musicalmente, as várias cenas da história.

O concerto é comentado por **Susana Henriques**, que guia o público ao longo da narrativa musical, cruzando palavras e sons numa experiência artística rica e acessível a todas as idades. Um momento de partilha onde a imaginação se torna protagonista e a música nos conduz por caminhos de descoberta, fantasia e reflexão.

Michael Gandolfi (1956) *As Aventuras de Pinóquio no País dos Brinquedos*

Hexars Ensemble

Flauta **Rui Maia**

Clarinete **Nuno Baptista**

Violino **Raquel Cravino**

Violoncelo **Fernando Costa**

Piano **Paulo Pacheco**

Percussão **Cristiano Rios**

49

Orquestra

A História do Soldado de Stravinsky

Orquestra das Beiras

Concerto comentado por **Susana Henriques**

8 fevereiro 2026

Pequeno Auditório

M/6

Célebre obra concebida por Stravinsky e Ramuz durante a Primeira Guerra Mundial, em que palavra e música dialogam de forma original.

O ator João Fino, acompanhado por um *ensemble* de sete músicos da Orquestra das Beiras, dirigidos pelo maestro Jan Wierzba, interpreta a partitura virtuosística concebida por Stravinsky, que será comentada por Susana Henriques. Juntos, transportar-nos-ão para um mundo baseado em contos eslavos, narrando a história de um jovem soldado que é seduzido pelo Diabo a entregar o seu prezado violino em troca de enormes riquezas. Uma narrativa atual(izada), adequada a jovens e adultos que, com a sua moral, convida à reflexão sobre a natureza humana.

Igor Stravinsky (1882-1971) *A História do Soldado*

Texto de **Charles-Ferdinand Ramuz**

Direção Musical **Jan Wierzba**

Narrador **João Fino**

Comentários **Susana Henriques**

Orquestra das Beiras

Banda Filarmónica

Alex e a Banda Fantasma

de David Maslanka

Banda Sinfónica Portuguesa

Concerto comentado por **Susana Henriques**

22 março 2026

Pequeno Auditório

M/6

A Banda Sinfónica Portuguesa traz a palco a encantadora história de Alex, um menino em busca de um presente para oferecer ao pai no seu aniversário. Alex é transportado para um mundo mágico, onde descobre um velho teatro habitado por instrumentos vivos, mas sem músicos. Ao subir ao púlpito do maestro, Alex dá vida a sons maravilhosos que o emocionam profundamente até desmaiar. Quando acorda, encontra no bolso do pijama uma antiga flauta: o presente ideal.

Alex e a Banda Fantasma, de David Maslanka, é uma aventura musical que celebra a imaginação e a magia da música. Neste concerto, o público poderá ainda descobrir todo o virtuosismo dos diferentes naipes da orquestra de sopros através das *Variações sobre um Tema de Paganini*, de James Barnes.

David Maslanka (1943-2017) *Alex e a Banda Fantasma*

Direção Musical **Rita Castro Blanco**

Banda Sinfónica Portuguesa

Ensemble

A História do Pequeno Alfaiate

de Tibor Harsányi

Ensemble ars ad hoc

Concerto comentado por **Susana Henriques**

19 abril 2026

Pequeno Auditório

M/6

O ars ad hoc diferencia-se pela qualidade das suas interpretações e pelo igual à vontade com que se move entre música de diferentes estilos e épocas. Na sua oitava temporada, o ars ad hoc estreia-se no Centro Cultural de Belém com a apresentação de uma obra contemporânea e *A História do Pequeno Alfaiate* (1939), uma obra para octeto instrumental criada pelo compositor húngaro Tibor Harsányi (1898-1954), a partir do conto *A História do Pequeno Alfaiate Valente*, dos irmãos Grimm.

Obra contemporânea a definir

Tibor Harsányi (1898-1954) *A História do Pequeno Alfaiate*

Narração e Comentários **Susana Henriques**

Ensemble ars ad hoc

Ópera

Candinho – Uma Ópera para Todos

de João Guilherme Ripper

Ensemble ProART

Concerto comentado por **André Cunha Leal**

17 maio 2026

Pequeno Auditório

M/6

A ópera *Candinho* retrata a infância de Cândido Portinari. Estruturada num ato e dez cenas, a obra mistura realidade e ficção ao recriar o quotidiano da aldeia natal do pintor, as brincadeiras das crianças e os momentos que conduziram ao despertar artístico de um dos maiores criadores brasileiros.

Na narrativa, o jovem Candinho divide o seu tempo entre as aulas com o Padre Josué, os desfiles da banda onde o seu pai toca bombardino e as brincadeiras com os amigos. Quando o circo chega à cidade, trazendo magia à comunidade, o palhaço Beringela oferece-lhe um sinal na testa que lhe garante entrada gratuita. No entanto, Candinho adormece e perde a única apresentação, acordando apenas quando o circo já está a ser desmontado.

Num momento comovente, o palhaço Beringela consola o desiludido Candinho e encoraja-o a usar a imaginação para desenhar o circo que não conseguiu ver. Esse gesto marca o início do seu talento, levando-o a retratar o seu mundo com uma sensibilidade ímpar. A obra culmina com a sua partida para o Rio de Janeiro, levando consigo não apenas uma pequena mala, mas também as memórias visuais que mais tarde dariam vida às suas célebres pinturas.

As obras de Portinari servem de inspiração para os cenários e figurinos, criando uma experiência visual rica que complementa a narrativa musical. Personagens como Maria José, D. Gôndola e o emblemático Palhaço Beringela compõem este enredo sobre o despertar criativo e a importância do apoio da comunidade no desenvolvimento de talentos.

Candinho

Libreto e música de **João Guilherme Ripper**

Música e Texto **João Guilherme Ripper**

Encenação **Mário Alves**

Direção Musical **José Eduardo Gomes**

Direção Coral e Preparação das Crianças **Filipa Palhares**

Ensemble ProART

Piano, preparação de cantores e trabalho de pronúncia brasileira

Anderson Beltrão, João Elias e Ricardo Vicente

Candinho A definir. *Branca* A definir. *Maria José* **Marília Zangrandi** (soprano).

Gôndola/Domenica **Cátia Moreso** (meio-soprano). *Lavrador/Palhaço Beringela* **Frederico Nobre**

Projecto (tenor). *Padre Josué/Batista* **André Henriques** (barítono). *Candido Portinari* A definir.

Coro Infantojuvenil Formado por jovens do **Instituto Gregoriano de Lisboa e das comunidades alvo da intervenção deste projeto** Apoio **DGARTES**

Música no Museu

Recital de piano

Silêncio em três tempos surreais

Ana Telles

3 janeiro 2026

MAC/CCB

M/6

Este recital convida a uma viagem musical pelos domínios do insólito e do poético, um percurso entre o visível e o invisível guiado por piano e repertório dos séculos XIX e XX. Sob a inspiração do surrealismo, cada obra evoca um universo em que o tempo se curva, a lógica se dissolve, e o som revela paisagens interiores de humor, sátira, sonho, meditação e transcendência.

O percurso inicia-se com a leveza satírica de Germaine Tailleferre (1892-1983) e Francis Poulenc (1899-1963), figuras do célebre *Grupo dos Seis*, que reinterpretem a tradição através de um prisma lúdico e moderno. Mel Bonis (1858-1937), com *Mélisande*, evoca o feminino lendário em traços impressionistas, enquanto Erik Satie (1866-1925), ícone precoce do surreal, propõe, nas suas *Gnossiennes*, uma escuta ritual, misteriosa e suspensa.

Do domínio do inconsciente passamos, seguidamente, ao do espiritual e do sensorial profundo. Os excertos escolhidos da suíte *Ttai*, de Giacinto Scelsi (1905-1988), potenciam uma imersão meditativa no som como matéria viva. Karen Tanaka (n. 1961), em *Crystalline*, proporciona uma experiência auditiva etérea e frágil,

enquanto a *Chaconne* de Sofia Gubaidulina (1931-2025) se revela uma verdadeira batalha entre sombra e luz. A terminar este percurso, duas obras de Olivier Messiaen (1908-1992) — *Regard des hauteurs* e *Regard du Temps*, do monumental ciclo *Vingt regards sur l'Enfant-Jésus* — revelam um surrealismo místico e visionário que propõe uma percepção dilatada do tempo. Em Messiaen, o tempo musical não mede, contempla.

Francis Poulenc (1899-1963) *Mouvements perpétuels*

Germaine Tailleferre (1892-1983) *L'Homme entre deux âges et les femmes*

Mel Bonis (1858-1937) *Mélisande (Femmes de légende)*

Erik Satie (1866-1925) *Gnossiennes*, n.ºs 2 e 3

Karen Tanaka (1961) *Crystalline*

Giacinto Scelsi (1905-1988) *Suite* n.º 9 *Ttai*, seleção de andamentos

Sofia Gubaidulina (1931-2025) *Chaconne*

Olivier Messiaen (1908-1992) *Regard des hauteurs* e *Regard du Temps* (de *Vingt regards sur l'Enfant-Jésus*)

Piano **Ana Telles**

Recital de piano

Sonatas e Interlúdios de John Cage

Elsa Silva

7 fevereiro 2026

MAC/CCB — M/6

Sonatas e Interlúdios é considerada uma das obras-primas de John Cage e um marco na história da música do século XX. Composta entre 1946 e 1948, a obra é escrita para piano preparado — um piano de cauda no qual parafusos, porcas, borrachas e outros objetos são inseridos entre as cordas para alterar, radicalmente, o seu som, desvendando sonoridades inesperadas que em grande parte evocam o gamelão balinês e os tambores africanos.

Cage concebeu a obra como uma exploração das emoções humanas, inspirando-se na filosofia indiana, especialmente nos conceitos do *rasa*, que descrevem vários estados emocionais, sendo eles o Erótico, o Cômico, o Patético, o Furioso, o Heroico, o Terrível, o Odioso e o Maravilhoso, sendo que, após saborear estes oito *rasas*, podemos finalmente experimentar o *nono rasa*, a Tranquilidade. Essa transição pode ser sentida ao longo da obra — de momentos rítmicos e mecânicos a trechos de marcada delicadeza e introspeção.

A estrutura segue uma forma simétrica: 16 sonatas (divididas em quatro grupos de quatro) intercaladas por quatro interlúdios. Embora o termo «Sonata» remeta para o passado, Cage reinventa a forma, combinando rigidez estrutural com liberdade tímbrica e experimentalismo.

Mais do que apenas uma experiência auditiva, *Sonatas e Interlúdios* é uma escuta meditativa, onde o som se torna objeto de contemplação e descoberta. A obra desafia a noção tradicional de música como melodia ou harmonia, convidando o público a perder-se na textura, na cor e no silêncio.

John Cage (1912–1992) *Sonatas e Interlúdios*, para piano preparado

Piano **Elsa Silva**

Duo de guitarras

Repetições transitórias

Duo Sirius

7 março 2026

MAC/CCB — M/6

Entre guitarras clássicas e elétricas, o Duo Sirius explora o universo da música minimalista, desde o seu lado mais espiritual, espaçado e contemplativo, até aos movimentos mais hipnóticos, tão incessantes na repetição quanto na transformação. Um programa que conta com os icónicos Steve Reich, Philip Glass e Arvo Pärt, e que celebra a sua influência na música de importantes compositores guitarristas como Gulli Björnsson, Atanas Ourkouzounov e Marek Pasiieczny.

Philip Glass (1937) *Mad Rush* (arr. LINÜ)

Atanas Ourkouzounov (1970) *Reflet II; Reflet IV*

Marek Pasiieczny (1980) *Scintilla: After Arvo Pärt (Part one; Part two 'Psalm'; Part three)*

Gulli Björnsson (1991) *Repetitive Concert Etude No. 6*

Arvo Pärt (1935) *Da pacem Domine* (arr. Duo Sirius)
Steve Reich (1936) *Electric Counterpoint (Fast; Slow; Fast)*

Duo Sirius

Guitarras clássicas e elétricas **Diogo João e Márcio Silva**

Recital de canto

Três vozes de Morton Feldman

Camila Mandillo

11 abril 2026

MAC/CCB — M/6

Três Vozes (Three Voices) é uma obra composta, em 1982, por Morton Feldman, um dos compositores mais importantes do movimento experimental do séc. XX. Associado ao movimento da vanguarda nova-iorquina, Feldman manteve uma estreita colaboração com artistas como John Cage, Jackson Pollock, Mark Rothko e Philip Guston. Dedicada a Joan La Barbara, *Três Vozes (Three Voices)* é uma homenagem do compositor a Philip Guston e Frank O'Hara. Trata-se de uma obra – com uma interação entre uma voz ao vivo e duas vozes pré-gravadas – que incorpora fragmentos de um poema de Frank O'Hara. O texto surge de forma extremamente esparsa: há apenas duas secções curtas com palavras no decorrer de toda a obra. O restante é inteiramente vocalizado sem texto, utilizando vogais neutras e sons longos e estáticos.

Morton Feldman (1926-1987) *Três vozes*

Ensemble ars ad hoc

Âmbito Cultural do El Corte Inglés

Recital de Piano

À descoberta da paixão pela música

Jorge Moyano

9 dezembro 2025

Luís De Freitas Branco

M/6

Este programa surge na sequência de um curso realizado no contexto das atividades do «Âmbito Cultural» do El Corte Inglés. As obras aqui apresentadas foram algumas das referidas ao longo das sessões – cada uma subordinada a uma ideia orientadora – tendo, então, sido ouvidos apenas excertos. A Fantasia de Mozart em dó menor surgiu numa conversa sobre arquitetura musical. A *Fantasia* op.17, de Schumann, foi uma das obras referidas na sessão sobre o despertar das emoções, associando o tema do Amor ao romance vivido por Roberto e Clara. A *sonata* op.110, de Beethoven, talvez a obra mais autobiográfica do compositor, mereceu alguns exemplos numa conversa sobre a motivação criadora. O programa termina com obras que ilustram alguns dos géneros cultivados por Chopin – *Polonaises*, *Nocturnos* e *Baladas* – e que permitiram falar um pouco sobre o trabalho do intérprete.

Mozart *Fantasia* em dó menor, K. 475

Schumann *Fantasia* em dó maior, op. 17

Beethoven *Sonata* em lá bemol maior, op. 110

Chopin *Polonaise*, op. 53; 2 *Nocturnos*, op. 32; *Balada* n.º 3, op. 47

Piano **Jorge Moyano**

Concurso

Música Contemporânea

VII Concurso Internacional de Composição Jorge Peixinho Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

19 outubro 2025

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

[Programa a anunciar]

Concerto de apresentação das obras laureadas no VII Concurso Internacional de Composição Jorge Peixinho/Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (GMCL), uma iniciativa do GMCL.

Este concurso pretende ser um incentivo à criação musical e à divulgação do trabalho dos compositores, contribuindo para o incremento do repertório contemporâneo de música de câmara.

O júri é constituído por Ivan Fedele (presidente), Gerhard Stabler, João Madureira, Carlos Caires, Jaime Reis, Jorge Sá Machado e Nuria Nuñez Hierro (convidada especial).

Neste concerto realizar-se-á a entrega dos prémios das obras finalistas ao Prémio GMCL/Cidade de Lisboa. Além das obras premiadas, o programa do concerto contará com obras de Jorge Peixinho e de Nuria Nuñez Hierro.

A edição deste ano conta novamente com o Alto Patrocínio de Sua Excelência O Presidente da República.

Direção Musical **Rui Pinheiro**

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

Meio-soprano **Susana Teixeira**

Flauta **João Pereira Coutinho**

Clarinete **Luís Gomes**

Violino **José Sá Machado**

Viola **Ricardo Mateus**

Violoncelo **Jorge Sá Machado**

Harpa **Inês Cavalheiro**

Piano **Dana Radu**

Percussão **Fátima Juvandes**

Coordenação **Ricardo Mateus**

Assistente **Fernando Santos**

Há Fado no Cais



Há Fado no Cais
Teresinha Landeiro

© Jenniffer Pais

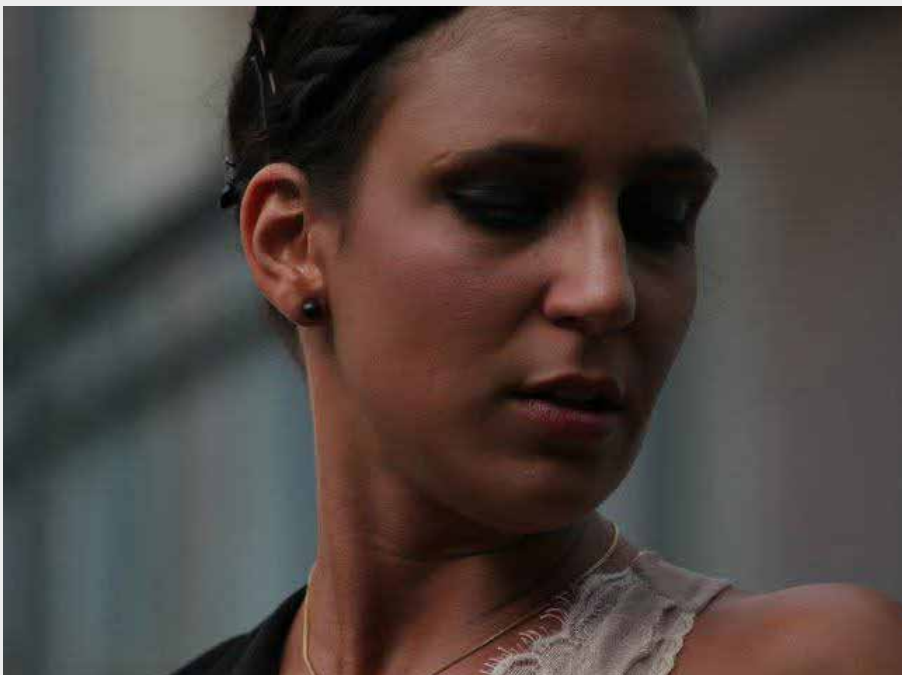


Há Fado no Cais
José Geadas

© DR

Há Fado no Cais
Vanessa Alves

© José Robalo



Ciclo Há Fado no Cais

Teresinha Landeiro

19 setembro 2025

Grande Auditório

M/6

Teresinha Landeiro está a marcar de forma vinculada o seu fado. Em 2024 editou **Para dançar e para chorar**, um álbum que reforça essa identidade própria e singular que coloca na sua arte. Cercou-se de artistas contemporâneos e intemporais e talhou um álbum, tal e qual a sua imagem, que procura tanto o folclore como a pop, tendo sempre o fado como prumo da viagem.

Já no presente ano de 2025, resolveu fazer uma edição *deluxe* do álbum e juntou o Oceano Atlântico com a companhia do vencedor de três Grammy Latinos Jota.pê (*Visita Inesperada*), bem como uma das suas referências na música, António Zambujo (*Aurora*). Esta ponte amplia ainda mais a sonoridade de Teresinha Landeiro, que regista já momentos incontornáveis como *O Tempo*, *Chegou a Hora*, *Maré de Sorte*, *Amanhã* e *O Mundo*, entre tantos outros.

Com um percurso sólido e apresentações de norte a sul do país, além de concertos na China, Bélgica, Turquia, Espanha, Colômbia, Polónia, Áustria, Estados Unidos da América, Suíça, Guiné-Bissau e Grécia, Teresinha Landeiro afirma-se como um **nome vital do fado contemporâneo**, não apenas como **intérprete**, mas também como **autora das suas canções**. O seu fado é jovem, ambicioso e leve, refletindo a **personalidade da fadista**.

Voz **Teresinha Landeiro**

Guitarra Portuguesa **Bernardo Couto**

Viola de Fado **André Ramos**

Baixo Acústico **Francisco Gaspar**

Coprodução Centro Cultural de Belém, Lisboa Cultura/Museu do Fado

José Geadas

28 novembro 2025

Pequeno Auditório

M/6

Geadas é o nome artístico de José Geadas, nascido há 27 anos em Rio de Moinhos, no concelho de Borba. Desde muito novo mostrou interesse pelo Fado. Geadas é sinónimo de continuidade. O jovem fadista e compositor tem uma matriz muito vinculada no fado tradicional e a sua prioridade é honrar aquilo que o define. Vencedor da Grande Noite do Fado de 2006, o percurso do fadista conta com atuações em várias salas e festivais dentro e fora do país. É também presença assídua nas casas de Fado de Lisboa.

Em 2023, lança o seu disco de estreia *Outros Amores*, que tem como matriz o fado tradicional na sua mais pura essência.

Voz **José Geadas**

Guitarra Portuguesa **Luís Guerreiro, Ângelo Freire**

Viola de Fado **Bernardo Saldanha**

Viola Baixo **Daniel Pinto**

Coprodução Centro Cultural de Belém, Lisboa Cultura/Museu do Fado

Vanessa Alves

14 fevereiro 2026

Pequeno Auditório

M/6

Com 25 anos de percurso no Fado, Vanessa Alves é uma voz sólida e comovente, que se afirma noite após noite no Sr. Vinho, uma das mais emblemáticas casas de fado de Lisboa. Neste concerto no Centro Cultural de Belém, a fadista apresenta ao público o seu primeiro disco, um trabalho profundamente enraizado no fado tradicional, que inclui letras da sua autoria e um registo marcado pela entrega, verdade e respeito pela palavra. Mais do que um passo natural no seu percurso, este disco é um gesto de retribuição: uma forma de agradecer o carinho de quem a escuta, de olhos nos olhos, nas casas de fado. No palco do Pequeno Auditório do CCB, no dia 14 de fevereiro de 2026, Vanessa Alves partilha connosco a sua música — íntima, sentida e autêntica — num concerto que celebra a voz, o Fado e a generosidade da presença.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Lisboa Cultura/Museu do Fado

Ana Sofia Varela

28 março 2026

Grande Auditório

M/6

Fadista de voz singular e presença marcante, Ana Sofia Varela regressa aos palcos com um novo trabalho que celebra a mulher e a guitarra portuguesa.

Neste concerto no Centro Cultural de Belém, a artista propõe um reencontro com as suas raízes e com as sonoridades que têm marcado o seu percurso, agora revisitadas à luz de uma nova maturidade artística. O espetáculo contará com a presença de vários convidados que integram o seu próximo disco — um álbum de inéditos e alguns fados tradicionais com arranjos que cruzam delicadeza e arrojo, memória e descoberta.

A par das novas composições, Ana Sofia Varela interpretará alguns dos temas que a consagraram, num alinhamento que confirma a sua relevância no panorama do fado contemporâneo e a profundidade emocional que sempre levou a palco.

57

José Manuel Neto

2 maio 2026

Grande Auditório

M/6

José Manuel Neto prepara-se para lançar o seu novo disco, *Madrepérolas*. O concerto de apresentação reúne alguns dos músicos com quem partilha mais de trinta anos de cumplicidade artística, bem como convidados especiais que participam neste novo registo — o segundo em nome próprio, depois de *Tons de Lisboa*, editado pela Museu do Fado Discos.

Madrepérolas é uma viagem pela pluralidade de linguagens e possibilidades da guitarra portuguesa. Do fado tradicional à experimentação com outros géneros, o concerto propõe um olhar contemporâneo sobre o instrumento, sem nunca quebrar o fio que o liga à sua matriz identitária. No alinhamento, temas originais de José Manuel Neto, Tiago Oliveira, Carlos Manuel Proença e António Chainho — músicos de diferentes gerações e geografias musicais que têm contribuído para o alargamento do repertório solístico da guitarra.

Num registo que alia virtuosismo a uma sensibilidade rara, José Manuel Neto afirma-se como um dos grandes nomes da guitarra portuguesa, capaz de preservar a sua raiz e, ao mesmo tempo, de a fazer soar em novas paisagens. *Madrepérolas* é, assim, um tributo ao que nasce do tempo, do silêncio e da escuta — tal como o nome sugere —, e uma celebração da criatividade que transforma a tradição em movimento.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Lisboa Cultura/Museu do Fado

Jazz



Jazz
Cécile McLorin Salvant
© Karolis Kaminskas

Jazz
Mário Laginha
© Márcia Lessa

Jazz
Old Mountain com
Tony Malaby
© Bernardo Tinoco

Cécile McLorin Salvant

11 novembro 2025

Grande Auditório, M/6

Cécile McLorin Salvant, compositora, cantora e artista visual, apresenta-se no Grande Auditório do CCB para um concerto singular que cruza géneros, histórias e culturas. Reconhecida pela sua voz única e sensibilidade musical — elogiada por Jessye Norman — Salvant destaca-se pela forma como entrelaça *jazz*, música barroca, *folk*, teatro e *blues* com um poderoso sentido narrativo. Vencedora do prestigiado concurso Thelonious Monk e detentora de vários Grammy Awards, é também autora de *Ogresse*, uma cantata inovadora que aborda temas como a diáspora, o fetichismo e a ecologia. Em destaque neste concerto estará também *Mélusine*, o seu mais recente álbum, onde revisita a lenda medieval da figura mítica com o mesmo nome, em interpretações que viajam entre o francês, o crioulo haitiano, o occitano e o inglês. Salvant oferece ao público uma experiência musical rica, que desafia convenções.

Mário Laginha

6 fevereiro 2026

Pequeno Auditório, M/6

Apesar de contar com uma vasta discografia, Mário Laginha editou até hoje apenas um álbum em piano solo: uma opção que, ainda que pareça surpreendente, tem raízes num pensamento exigente e numa procura constante de relevância artística. Frequentemente questionado sobre essa escassa produção a solo, o pianista explica que só grava quando sente que a música acrescenta algo de verdadeiramente novo ao seu percurso — uma fasquia que se eleva especialmente quando o confronto é solitário.

Ainda assim, a experiência do piano a solo é-lhe familiar em palco, onde a liberdade e a intimidade do formato permitem explorar a sua linguagem musical com particular profundidade. Este concerto apresenta precisamente essa faceta: o registo mais pessoal de um criador que, mesmo fora da crença religiosa, reconhece no momento do encontro com o público algo de verdadeiramente abençoado.

59

Old Mountain com Tony Malaby

7 março 2026

Pequeno Auditório, M/6

Old Mountain é o projeto predileto dos músicos Pedro Branco e João Sousa. Depois de dois discos, *Parallels* e *This Is Not Our Music* (2020), dezenas de convidados e outros tantos anos de concertos e amizade, revelam agora uma nova metamorfose: Branco a trocar a guitarra pelo piano e dois contrabaixos a juntarem-se à aventura.

Juntos ou separados, tanto Branco como Sousa já tocaram com alguns dos mais importantes nomes do jazz, quer nacional como internacional, tendo partilhado palcos com nomes como Drew Gress, Jacob Sacks, Tony Malaby, Leo Genovese, Camila Nebbia, George Dumitriu, João Paulo Esteves da Silva, Demian Cabaud ou Ricardo Toscano. O novo disco, *Another State of Rhythm*, que saiu em fevereiro de 2024 pela editora Clean Feed, conta com a participação do histórico saxofonista norte-americano Tony Malaby e dos contrabaixistas João Hasselberg e Hernâni Faustino. O trabalho foi muito bem recebido pela crítica nacional e internacional, sendo descrito como «o melhor disco de jazz nacional» de 2024 pelo Rimas & Batidas. Está também na lista dos discos do ano da *jazz.pt*, que considerou a sonoridade do grupo «contemporânea, fresca e rica». Nas apresentações ao vivo, contam com a participação do parceiro de longa data José Soares no saxofone alto.

Garfo

11 abril 2026

Pequeno Auditório

M/6

Formado por quatro músicos da nova geração do *jazz* nacional — Bernardo Tinoco, João Almeida, João Fragoso e João Sousa —, o grupo GARFO tem vindo a afirmar-se no panorama musical português desde a sua estreia em 2019. Com atuações em diversas salas e festivais por todo o país, o grupo foi distinguido como Grupo Revelação nos Prémios RTP/Festa do Jazz, na sequência do lançamento do primeiro álbum pela editora Clean Feed. Em 2026 apresentam no CCB o segundo trabalho discográfico, *Órdia*, editado pela Robalo, onde continuam a explorar a improvisação livre, estruturas rítmicas complexas e uma linguagem musical aberta e comunicativa.

Raiz

André Rosinha Trio

3 julho 2026

Pequeno Auditório

M/6

André Rosinha apresenta-nos o novo álbum *Raiz* (2025), explorando uma fusão entre os mundos do *jazz*, da música tradicional portuguesa e do improviso. Tendo de uma forma orgânica já plantado algumas sementes no passado, dedica-se agora à ligação entre esses universos a nível composicional, nunca perdendo a liberdade do improviso, tão característica da expressão jazzística.

Para este projeto, conta com a banda que já o tem vindo a acompanhar nos últimos dois álbuns: João Paulo Esteves da Silva no piano, Marcos Cavaleiro na bateria e o próprio André Rosinha no contrabaixo. É um trio que bem se compreende e complementa, que reconhece o melhor dos demais e que deixa espaço para que cada elemento se expresse — algo, aliás, reconhecido e aplaudido pelas críticas feitas a *Árvore* (2019) e *Triskel* (2022). Os temas foram, assim, compostos a pensar nestes intérpretes e na união destes universos musicais, procurando enaltecer os traços que caracterizam estas expressões artísticas e, ainda assim, criando uma nova identidade. O trio já se apresentou no CCB, no Jazz2020 organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Seixal Jazz, Jazz na Ordem dos Médicos do Porto, Palmela Wine Jazz, Noites Azuladas de Castelo Branco, JazzMATAzz, Grândola Vila Jazz, entre outros. Num mundo cada vez com mais pressa, que aposta num massificado prazer imediato que rapidamente se torna descartável, urge mais do que nunca acreditarmos na valorização e regresso às nossas raízes.

Outras Músicas

Carta Branca: A Garota Não

A Vulgar Mulher Extraordinária

21 março 2026

Grande Auditório

M/6

Acessibilidade: Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

«Anos depois da sua morte, apercebi-me desta fixação por falar dela.

E eu achava que fazia isto para não me matarem as saudades e os remorsos. Como se ao levantar memórias suas, ela acabasse por me ir salvando sempre.

Mas, ultimamente, tenho sentido que falo dela por outra razão: uma necessidade primária de a fazer viver através do que nos passou, do seu colo forte, dos animais que protegeu. Uma necessidade primária de impedir que ela desapareça já, que ela nos deixe de vez.

E, como nenhum grande biógrafo se interessou por escrever a história desta vulgar mulher tão extraordinária, achei que uma carta branca seria um bom lugar para corrigir este lapso histórico. Bom, não uma biografia formal, com uma linha cronológica formal, mas um ensaio do que foram os medos, as forças, as batalhas de fora e de dentro.

Mas depois, à medida que a narrativa me foi crescendo, compreendi que falar dela é, ao mesmo tempo, falar das minhas amigas e de mim, das conhecidas e anónimas mulheres que revolvem os dias a cuidar mais dos outros do que de si, aceitando provérbios e sinas, a ter da vida menos do que seria justo, a trabalhar mais do que seria razoável — porque, afinal, somos todas extensões das nossas mães, das nossas tias, das nossas avós —, em continuidade e fratura, águas que derivam e se separam. Compreendi

que trazê-la para aqui é celebrar e agradecer a muitas mulheres. As suas contemporâneas, as que lhe antecederam e as que ficaram depois de ter partido. É uma biografia coletiva onde se levantam assuntos incômodos e frágeis, se questionam dogmas e regras sociais, onde se ligam e atravessam muitas vidas. Porque as vidas derramam-se umas nas outras, contaminando-se em camadas, medonhas e poderosas vagas. Não tenhamos medo. Deixemos que nos visite a felicidade.»

Cátia Oliveira
(A Garota Não)

Música

Festival Belém Soundcheck

8, 9 e 10 de maio

Vários espaços do CCB

[Programa a anunciar]

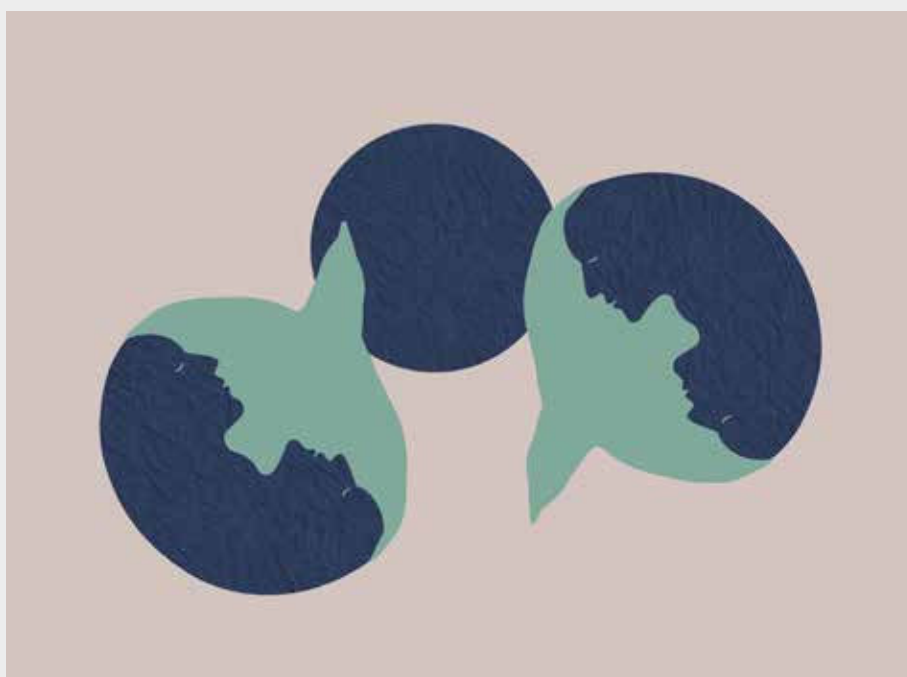
Fábrica das Artes



Fábrica das Artes
Ler livros sem
palavras
Dora Batalim
SottoMayor
 © Dora Batalim

Fábrica das Artes
Quebra-Cabeças
Cláudia Nóvoa
Hipótese Contínua
 © Nuno Beja

Fábrica das Artes
Paraísos infinitos
Nídia Roque
Teatro
da Cidade
 © Angela Rocha



Fábrica das Artes

Artes Performativas para jovens públicos

Oficina em continuidade

Ler livros sem palavras

Dora Batalim SottoMayor

18 e 19 outubro 2025

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **Professores, educadores, artistas, mediadores, pais e curiosos**

A partir do livro *Mudar*, de Ana Ventura — ponto de partida do espetáculo homónimo —, Dora Batalim SottoMayor conduz-nos numa viagem pelo universo dos livros sem palavras: obras onde a imagem assume o papel fundamental na construção do argumento.

Estes livros não são versões reduzidas nem esperam ser «completados» com texto. Criados a partir de sequências visuais, coesas ou fragmentadas, muitos deles oferecem narrativas completas e sofisticadas, desafiando leitores de todas as idades.

Nesta oficina vamos descobrir diferentes tipologias de livros sem texto — desde os mais simples, pensados para os primeiros leitores, até aos mais exigentes — e refletir sobre os desafios que colocam ao olhar e à mediação.

Como ler e dar a ler o que não está escrito? Que ferramentas gráficas são usadas para contar histórias visualmente? Que papel desempenha o silêncio na leitura? De forma prática, ilustrada por exemplos concretos, pretendemos encontrar respostas a estas questões.

Espetáculo + Conversa – **ESTREIA**

MUDAR

Terra Amarela | Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva

22 a 25 outubro 2025

Pequeno Auditório

Público-alvo: **M/6**

M/6

Acessibilidade: Espetáculo de Língua Gestual Portuguesa e com legendagem em português para pessoas ouvintes.

Quando decidimos mudar, o que acontece dentro de nós? E à nossa volta?

Será que uma língua pode transformar um corpo? E quantas línguas precisamos para criar um novo lugar?

MUDAR é um espetáculo sobre viagens — por fora e por dentro. Uma aventura feita de perguntas, sons, cores e encontros. Estamos prontos para mudar? Vamos juntos?

Criação coletiva **Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva**. Interpretação **Filipe Raposo, Vasco Seromenho e Elisabeth Davis** – Percussões. Vídeo arte **Mário Melo Costa**. Espaço cénico **Mário Melo Costa, Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva**. Figurinos **Ana Ventura**. Música **Filipe Raposo**. Desenho de luz **Nuno Samora**. Produção executiva **Terra Amarela**. Coprodução **Terra Amarela, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes, Teatro Viriato e Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão**. Colaboração com **Instituto Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa**. Projeto financiado pela **Direção-Geral das Artes**

A Terra Amarela é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes.

Espetáculo Multidisciplinar/Novo Circo + Conversa – **ESTREIA**

Quebra-Cabeças

Cláudia Nóvoa | Hipótese Contínua

22 a 29 novembro 2025

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **M/3**

M/3

No dia 29 de novembro, terá lugar a apresentação do livro **Quebra-Cabeças** (Editorial Caminho), após o espetáculo.

Cada cabeça é um lugar único. Num mesmo espaço há quem sonhe, pense, imagine, corra ou se perca em ideias despropositadas.

Este espetáculo é feito por quatro cabeças — quatro mundos. Cheios de perguntas, desafios e pensamentos... às vezes confusos, às vezes mágicos.

Quebra-Cabeças é um espetáculo de novo circo que mistura movimento, música e desenho. É um espetáculo que é um livro e também uma exposição. É também um convite à descoberta, onde as crianças podem ver, ouvir, sentir — e até levar consigo um bocadinho desta experiência. Porque cada cabeça guarda um universo por resolver.

Ideia original, direção artística **Cláudia Nóvoa**. Interpretação **Carlos Lebre, Pedro Matias**. Desenho ao vivo e interpretação **Rachel Caiano**. Música original e interpretação **David Valente**. Cenografia **Joana da Matta**. Desenho luz **Tasso Adamopoulos**. Figurinos **Rita Olivença**. Execução de figurinos **Isabel Telinhos**. Registo fotográfico **Nuno Beja**. Vídeo *teaser* **Joana Caiano**. Imagem gráfica **Sebastião Rebolo**. Produção **Hipótese Contínua — Associação Cultural**. Coprodução **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes**. Apoio **República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes, Estudios Victor Córdon**

Livro: Texto **Sandro William Junqueira**. Ilustração **Rachel Caiano**. Edição **Editorial Caminho**

Espetáculo imersivo – **ESTREIA**

O Paraíso São os Outros

Teatro da Cidade | Nídia Roque

Com texto de Valter Hugo Mãe

27 janeiro a 1 fevereiro 2026

Black Box

Público-alvo: **M/8**

M/6

Com texto de Valter Hugo Mãe, *O Paraíso São os Outros* é um espetáculo imersivo para a infância e juventude que parte de uma pergunta tão simples quanto imensa: «onde reside o amor?»

Pela voz de uma rapariga que observa o mundo à sua volta, seguimos um percurso sensível por diferentes formas de afeto — nas famílias, nos animais, nas amizades, nos gestos do dia a dia —, num olhar terno e atento sobre as relações humanas. Através de um dispositivo cénico sensorial que aproxima intérpretes e espectadores, o espetáculo convida à escuta, ao pensamento e à partilha, fazendo do encontro um lugar central: de identidade, de construção emocional, de paraíso possível.

Com música original ao vivo de Leonardo Outeiro e interpretação e voz de Beatriz Brás, palavra e som cruzam-se num espaço onde se pode desacelerar, sentir e celebrar a importância dos outros. Mais do que uma narrativa, *O Paraíso São os Outros* é uma experiência sensorial e poética, que propõe um tempo coletivo de contemplação sobre o amor e a sua presença no mundo.

Texto **Valter Hugo Mãe**. Encenação **Nídia Roque**. Interpretação **Beatriz Brás (atriz) e Leonardo Outeiro (músico)**. Composição musical **Leonardo Outeiro**. Cenografia e figurinos **Ângela Rocha**. Luz **Rui Seabra**. Cartaz **Ângela Rocha**. Fotografias de cena **Bruno Simão**. *Designer* gráfico **Luís Belo**. Produção **Ricardo Arenga/Teatro da Cidade**. Coprodução **Teatro da Cidade, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes**

Paraísos infinitos

Nídia Roque | Teatro da Cidade

28 a 31 janeiro 2026

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **M/8**

Paraísos infinitos é uma oficina que convida os participantes à experiência criativa e que tem como ponto de partida a exploração e debate de conceitos como «amor» ou «família», inerentes ao espetáculo *O Paraíso São os Outros*. Para um público a partir dos 8 anos, as oficinas têm como objetivo estimular e desafiar a criatividade e o sentido crítico, fornecendo ferramentas para a exploração da expressão dramática num processo de escrita e jogos teatrais. Esta oficina pretende ser um lugar de experimentação e encontro para descobrirmos, em conjunto, *Paraísos possíveis*.

Espetáculo Multidisciplinar + Conversa – **ESTREIA**

A corça e a mãe terra

Margarida Botelho, Ana Sofia Paiva e Nuno Cintrão

3 a 13 fevereiro 2026

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **M/6**

M/6

Acessibilidade: Sessão descontrainda no dia 8 de fevereiro (domingo), às 11h30.

A Corça é um ser mágico, a filha de um rei que se transforma num animal do bosque para trazer aos humanos o poder e a sabedoria do mundo vegetal. Guiados pela gentileza da Corça, mergulharemos juntos nas profundezas do solo; da rocha-mãe ao fino grão da argila, atravessando um ciclo anual de criação, morte e renascimento, é a Corça que nos vai ensinar a regenerar o solo e a guardar no seu interior as sementes do futuro. Um espetáculo multidisciplinar que alia narração oral, teatro de marionetas, ilustração e música ao vivo, a partir de um mito do princípio do mundo reinterpretado num presente consciente que busca, urgentemente, o equilíbrio da vida humana com a Mãe Terra.

Ideia e direção artística **Ana Sofia Paiva e Margarida Botelho**. Textos, dramaturgia e interpretação **Ana Sofia Paiva**. Cenografia, marionetas, ilustrações e interpretação **Margarida Botelho**. Direção e criação musical, construção de instrumentos, sonoplastia e interpretação **Nuno Cintrão**. Fotografia **Mário Rainha Campos**. Consultoria científica **Tiago Monteiro Henriques** (Biólogo). Coprodução **Comédias do Minho, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes**

65

Oficina de artes plásticas

Da rocha mãe à filha argila

Margarida Botelho

7 e 8 fevereiro 2026

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **Famílias (crianças M/3)**

Uma oficina mineral familiar para descobrirmos como se faz solo. Quais os ingredientes necessários para criar o chão que alimenta a raiz e faz germinar a semente?

Guiados pela *Corça*, vamos pintar com as cores da argila. Com mãos e pés iremos moldar os bosques do amanhã.

Ópera + Conversa – **ESTREIA**

Ti Chitas – a voz que é uma montanha **de Teresa Gentil**

Orquestra D'Aquém Mar e Pedro Castro

26 fevereiro a 1 março 2026

Pequeno Auditório

Público-alvo: **M/8**

M/6

Acessibilidade: Sessão com Audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão no dia 1 de março

(domingo), às 17h00, no Pequeno Auditório.

Esta é uma ópera sobre a voz, a voz como memória, como fronteira entre as esferas pública e privada, entre os espaços de intimidade e os de sociabilização. Esta é uma ópera sobre Catarina Sargenta, conhecida por «Ti Chitas» (1913-2003), pastora, cantora e tocadora de adufe. Nascida em Penha Garcia, no concelho de Idanha-a-Nova, a sua arte e criatividade musical foram registadas fonográfica e cinematograficamente por múltiplos agentes. Chitas deixou-nos um património inquantificável de saberes e ensinamentos, transmitidos oralmente por sucessivas gerações de mulheres. É este espólio musical que sustenta a composição musical, dramática e visual da ópera, e é a voz de Chitas que nos conduz pelas paisagens sonoras, emotivas e afetivas das montanhas de Penha Garcia.

Composição musical e investigação **Teresa Gentil**. Apoio à composição e investigação **Rui Silva**. Composição musical eletroacústica **Sara Ross**. Fotografia e espaço visual **Andrea Inocêncio**. Desenho de luz **Cárin Geada**. Desenho de som **Daniel Santos**. Dramaturgia **A definir**. Encenação e cenografia **A definir**. Interpretação **Orquestra D'Aquém Mar**. (Direção artística de **Elsa Santos Mathei**). Direção musical **Pedro Castro**. Soprano **Patrícia Modesto**. Contratenor **António Lourenço Menezes**. Cravo e órgão positivo **Elsa Santos Mathei**. Flauta transversa e flautim **Sofia Cosme**. Oboé, Oboé D'amore e Flautas de Bisel **Pedro Castro**. Fagote **Lurdes Carneiro**. Violino **Manuel Castro** Violoncelo **Ana Raquel Pinheiro**. Contrabaixo **Marta Vicente**. Percussão histórica e adufes **Rui Silva**. Coprodução **Associação Questão Repetida, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes**

Oficina de adufe

Tratar o adufe por tu

Rui Silva

26 a 28 fevereiro 2026

Espaço Fábrica das Artes

Público-alvo: **M/8**

O adufe, instrumento tradicional de percussão de forma quadrangular, é o centro desta oficina. O ponto de partida é a tradição oral do toque e das cantigas de adufe da região de Idanha-a-Nova, terra de Ti Chitas. Esta oficina tem como objetivo dar as ferramentas básicas necessárias a cada participante para poder tratar o adufe por «tu», abordando os princípios básicos da sua execução, desconstruindo-os em exercícios criativos, simples, progressivos e em grupo, que visam o desenvolvimento da independência e coordenação psico-motoras e conhecer as dinâmicas tradicionais das adufeiras.

Programa Missão: Democracia

Oficina

Preparação d'O Coro – Missão: Democracia

Beatriz Pessoa

12 março 2026

Público-alvo: **Professores, educadores, artistas, mediadores, pais e curiosos**

Entrada livre para portadores de bilhete para o concerto.

Inscrição prévia através do e-mail da Fábrica das Artes: fabricadasartes@ccb.pt

A oficina *Preparação d'O Coro – Missão: Democracia* é um momento prévio ao espetáculo **O Coro – Missão: Democracia**, no qual a compositora Beatriz Pessoa conta com as vozes do público para formar o coro que, a partir da plateia, participará nos temas dos concertos a realizar nos dias 23, 24, 25 e 26 de abril de 2026.

Projeto criado no âmbito da parceria **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes e Assembleia da República**.

Concerto Multidisciplinar – **ESTREIA**

O Coro – Missão: Democracia

Beatriz Pessoa

23 a 26 abril 2026

Público-alvo: **M/6**

M/6

A música é democracia, palavra, conversa, liberdade. Beatriz Pessoa inspira-se na coleção de livros *Missão: Democracia* e nos seus temas para criar canções originais, explorando diferentes estilos e sonoridades musicais, e mostrando como a música reflete diversas formas de pensar.

As canções são previamente partilhadas* com o público, criando, assim, no concerto, O Coro de cidadãos. O próprio espetáculo transforma o teatro num plenário, onde a música, os músicos e o público se relacionam musicalmente numa lógica democrática. Todos se encontram nesta assembleia musical para decidir que, afinal, o melhor é continuar a ter um espaço para discutir ideias e ouvir os outros.

Debates nos jardins

Cidade cultural participativa

**Aléxis Trindade, Catarina Oliveira, Dina Mendonça,
Dori Nigro, Elisabete Paiva e Tomás Magalhães Carneiro**

25 abril 2026

Público-alvo: **Para todos a partir dos 6 anos**

Convidamos profissionais de cultura e profissionais da filosofia democrática para mediar conversas-debates informais sobre propostas para uma melhor democracia cultural.

Mesa Direitos Culturais Jardim das Oliveiras

Mesa Acessibilidades Jardim da Sala de Leitura

Mesa Artes, Mediação e Participação Jardim do Grande Hall do MAC/CCB — Museu de Arte Contemporânea e Centro de Arquitetura

Serão apresentados os resultados pelos relatores numa sessão única que decorrerá às 12h30 no Jardim das Oliveiras.

Oficina em continuidade

Missão: Literacia democrática e literária nas escolas

Dora Batalim SottoMayor e Sara Ludovico

9, 16 e 23 maio 2026

Público-alvo: **Professores, educadores, artistas, mediadores, pais e curiosos**

67

O projeto editorial da coleção *Missão: Democracia*, da Assembleia da República, composto por 12 temas, põe à disposição dos cidadãos mais novas publicações atuais e graficamente atrativas; são uma espécie de percurso através de conceitos essenciais que, hoje, importa sedimentar nas crianças e nos jovens. As escolas, enquanto parte da rede educativa da nossa sociedade, são geradoras privilegiadas de democracia em si mesmas, através da educação para a cidadania esclarecida e das várias formas de participação e inclusão que o universo escolar propicia.

Partindo do elo entre a educação para as artes e a qualidade da democracia, nesta oficina, queremos pensar em conjunto sobre a forma como estes livros permitem reforçar o desejo de participar na vida democrática e sublinhar a consciência cívica com unidade educativa.

Projeto criado no âmbito da parceria **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes e Assembleia da República**.

Teatro Fórum – **ESTREIA**

A Constituição

Isabel Costa

24 a 31 maio 2026

Público-alvo: **M/10**

M/12

De que matéria somos feitos enquanto seres humanos e sociedade? De que maneira a forma como nos organizamos coletivamente inspira e desarruma as nossas relações pessoais? E, também, como se constitui um país? Deambulando entre o pessoal e o político, este espetáculo parte da Constituição da República Portuguesa, em vigor desde 1976. Tomando a forma de uma assembleia, este trabalho convoca o espectador a fazer um percurso, passando por diferentes capítulos do texto constitucional e convidando-o a relacionar-se com a dimensão poética das suas palavras.

Texto e encenação **Isabel Costa** Intérprete 1 **Vasco Batista** Intérprete 2 **A definir** Cenografia **Joana Subtil** Música **Miguel Nicolau** (Memória de Peixe) Desenho de luz **A definir** Desenho de som **A definir**

Oficina em continuidade

Artes nas Férias do Verão

E se fôssemos a votos?

6 a 10 julho 2026

Público-alvo: **6 aos 10 anos**

A democracia é o melhor dos mundos. Sempre que vamos a votos, ganha a liberdade. Pela mão da ilustradora Rachel Caiano, mergulhamos com o músico Nuno Cintrão, o ator José Leite e a bailarina Clara Vevilaqua, no seu livro *E se fôssemos a votos?*, da coleção Missão: Democracia. As vozes afinadas por esta Missão vão ser fortes e diversas. Por isso, acabaremos esta semana numa grande festa.

Com **Rachel Caiano**, ilustradora de *E se fôssemos a votos?*, 5.º volume da coleção *Missão: Democracia*. A esta artista plástica juntar-se-ão **Clara Bevilaqua** (dança), **Nuno Cintrão** (música) e **José Leite** (teatro).

Projeto criado no âmbito da parceria **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes e Assembleia da República**.

Pensamento

Literatura

Clube de Leitura – Questões do Corpo

Com Helena Vasconcelos

18 set, 16 out, 13 nov, 11 dez 2025 / 8 jan e 5 fev 2026

Sala Lopes-Graça

Como são abordadas as questões do corpo humano na Literatura? Conhecemos bem a longa história da sua representação nas Artes Plásticas – em pintura e escultura, entre outros suportes. No que diz respeito a este tema, a Literatura mostra-se, por seu turno, simultaneamente, púdica e voraz; o seu foco direciona-se direcionado, principalmente, para estados de alma, para interrogações filosóficas, para análises psicológicas e indagações da mente. Existe, evidentemente, a descrição «gráfica» do corpo, mas, ao longo destas leituras, tentaremos ir mais além, seguindo de perto o enunciado de Ovídio: «Também o nosso corpo se transforma constantemente, sem pausa alguma, nem seremos amanhã o que fomos antes, ou o que somos.» Com Evaristo, examinaremos as questões de identidade, de género e de classe. e Com Ishiguro, o insustentável pudor que não permite a aproximação física e emocional. Com Gainza, tudo se concentra no poder do olhar. e Com Tânia Ganho, abordaremos a sujeição pela violência. Com o sempre oportuno Shakespeare, exploraremos as alegrias – e os contratempos – do «cross dressing», secundados finalizando com o pelo exotismo e transgressão de Roy. Boas leituras.

18 setembro 2025 *Lobos*, Tânia Ganho, ed. D. Quixote (A sessão contará com a participação da autora)

16 outubro 2025 *O Nervo Ótico*, María Gainza, ed D. Quixote

13 novembro 2025 *Os despojos do Dia*, Kazuo Ishiguro

11 dezembro 2025 *Rapariga, Mulher, Outra*, Bernardine Evaristo, ed. Elsinore

8 janeiro 2026 *Noite de Reis*, William Shakespeare, ed. Húmus

5 fevereiro 2026 *O Ministério da Felicidade Suprema*, Arundhati Roy, ed. Asa

Ciclo de conferências

Sobre a verdade da mentira

António de Castro Caeiro

outubro 2025 a junho 2026

Centro de Congressos e Reuniões

Não querer ser enganado com mentiras e descobrir a verdade é a situação em que cada ser humano se encontra. Há uma pressão contínua – 24h por dia, 7 na semana – para escapar à mentira e saber da verdade. Por norma, achamos que estamos na verdade e somos verdadeiros, mas não sucumbimos à mentira? O contexto contemporâneo levanta a questão da mentira de um modo pandémico. A proliferação

da desinformação (*deepfakes*, algoritmos e *bots*) é uma necessidade que empresas como a Cambridge Analytica ou alguns estados vieram suprir. A desinformação pode influenciar eleições e minar a confiança na democracia. Este nosso percurso explora as relações entre verdade, mentira e percepção da realidade, analisando conceitos filosóficos clássicos e contemporâneos nos contextos complexos da nossa vida pessoal e coletiva. O esforço de compreensão da eficácia da mentira e desativação da verdade não é novo. É tão antigo como o acontecimento do ser humano. Anular o estado de negação em que nos encontramos a respeito de ilusões e autoenganos é condição de possibilidade da descoberta da verdade. Somos, às vezes, enganados com a mentira e também com a verdade. Mas não a propagamos também nós? E não acontece também ser um outro, muitas vezes, a dizer-nos verdades sobre nós?

Sessões

9 outubro *Com a verdade me enganas: — a eficácia da mentira* (Aristóteles, Heidegger, Husserl)

6 novembro *Ser sonso: a raiz da dissimulação* (Nietzsche)

27 novembro *Imitações e o original* (Platão)

18 dezembro *Se o diabo não é mentiroso* (Descartes)

29 janeiro *O conto do vigário: — questões de propaganda* (Hannah Arendt, Tácito)

26 fevereiro *Ídolos de aço com pés de barro: — iconoclastia* (Jean Baudrillard)

26 março *Segredos por revelar* (Sissela Bok)

30 abril *Sócias de si próprio* (Naomi Klein)

28 maio *Grandes decepções* (Neel Burton)

25 junho *“O que é a verdade?” pergunta Pilatos* (Novo Testamento, Nietzsche)

Festival Mensagem de Histórias Verdadeiras

20 e 21 junho 2026

A Mensagem de Lisboa celebra cinco anos de jornalismo comunitário e narrativas autênticas da cidade com um festival que homenageia o melhor do jornalismo: as histórias que nos contam o mundo, a cidade, o nosso lugar.

Um festival que une jornalismo, arte, literatura, música, culinária, empreendedorismo, História, urbanismo e comunidade num só espaço. Histórias que inspiram e que mostram o impacto do jornalismo na sociedade. Histórias de coragem, resistência, inovação e mudança social e cívica. Impacto social, cultural e económico.

Projetos Mediação

Fábrica das Artes — Residências e oficinas *Um território comum para a arte, cultura e educação*

Nesta programação, cada criação artística é um ponto de partida para múltiplos caminhos. Em vez de separar processo e objeto final, ou seguir apenas a lógica fragmentada do espetáculo, propomos formatos que se cruzam e se expandem. Espetáculos, conversas, momentos de reflexão e residências artísticas acontecem em escolas com as quais temos relações contínuas, permitindo explorar todas as fases do processo criativo. Esta abordagem alarga os territórios de ação e promove experiências significativas, capazes de despertar a curiosidade, alimentar a sensibilidade, ensinar as linguagens próprias das artes e criar ligações entre pessoas. Assim, formam-se comunidades unidas por interesses partilhados e cultivam-se aprendizagens com impacto duradouro.

Residência

O Paraíso São os Outros

Com Nídia Roque/Teatro da Cidade

13 a 20 outubro

Houve uma alteração nesta residência.
A residência será na Escola Secundária de Camões

Residência

Quebra-Cabeças

Com Cláudia Nóvoa

17, 20 a 24 outubro

Centro de Educação e Desenvolvimento
Jacob Rodrigues Pereira — Casa Pia de Lisboa

Residência

Norquestra

Com António-Pedro | CAÓTICA

2 a 9 dezembro

Centro de Educação e Desenvolvimento D. Nuno Álvares Pereira — Casa Pia de Lisboa
NORQUESTRA é um projeto interdisciplinar que cruza música improvisada, vídeo e neurociência. Esta residência faz parte do processo de pesquisa de um concerto interativo a apresentar em outubro de 2026.

Residência

A corça e a mãe terra

Com Margarida Botelho, Ana Sofia Paiva e Nuno Cintrão

23 fevereiro a 2 março

2 a 9 março

Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira — Casa Pia de Lisboa; Escola básica Paula Vicente — Agrupamento de escolas do Restelo
Residência em práticas artísticas.
Escola São João do Estoril — Agrupamento de escolas de São João do Estoril

Residência

Ti Chitas, a voz que é uma montanha

Com Teresa Gentil

3 a 10 de março

Escola Secundária do Restelo — Agrupamento de Escolas do Restelo
Residência em práticas artísticas.

Ciclo de oficinas

Afinidades Criativas

Curadoria Causas Comuns

Sessões de Trabalho

Segundas e terças-feiras, de 6 outubro a 10 dezembro de 2025

Sessões de apresentação ao público

Quartas-feiras, 8, 22 e 29 de outubro,
5, 12 e 26 de novembro*, 3 e 10 de dezembro de 2025

19h00 (*Sessão de 26 de novembro às 14h30)

Centro de Congressos e Reuniões

Com Flávia Gusmão, David Marques, Teresa Coutinho, Teatro da Cidade, Gaya de Medeiros, Aurora Negra, Os Possessos e Má-Criação

Descobrimos quem somos a partir do que fazemos? Fazemos o que fazemos para descobrir alguma coisa? Talvez o *fazer* seja algo que nos aconteça, mas o que está por detrás desse acontecimento? O que é esse acontecimento do *fazer* nas artes performativas?

Até onde conseguimos aceder e queremos partilhar desse súbito escancarar de portas, do redemoinho do vento e do chão a fugir debaixo dos pés? Ou, eventualmente, da melancolia desse mergulho no escuro, num outro espaço-tempo que reclama ser ouvido sem outras testemunhas.

Na senda de todas estas dúvidas, a Causas Comuns lança-se a organizar oito semanas de reflexão e partilha, de outubro a dezembro. Cada semana, um(a) artista ou estrutura convidada dinamizará três dias de partilha e formação sobre os seus processos criativos. Talvez seja a crescente apetência por modelos societários de cariz autocrático que nos está a lembrar a necessidade de nos reunirmos. Despertar e enaltecer a imaginação, o coletivo, o poder criativo da diversidade e a cooperação. E, talvez, a singularidade e a fragilidade da nossa ocupação artística possa ser empoderada por meio desta partilha, entre pares, mas também aberta ao resto do mundo. Partilha de léxicos, recursos, metodologias, inquietações, prioridades, e porventura do que não vemos ainda, mas que seremos capazes de ver se deixarmos que os nossos olhos se habituem à escuridão.

A **Causas Comuns**, enquanto plataforma de artistas associadas, tem procurado ancorar os seus processos criativos numa dinâmica que, obedecendo a cumplicidades já existentes, também responda à necessidade do encontro com outras pessoas que nos abalem convicções.

Este projeto surge, agora, como uma necessidade

de alargar esse gesto fundacional, de provocar encontros para estender uma rede de afinidades possíveis. O encontro como forma de afeto ou, como diria Spinoza, de afetar e ser afetado, para alimentar o nosso potencial criativo – essa alegria.

Programa:

Sessão 1: outubro 2025

Gaya de Medeiros

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 2: 22 outubro 2025

Flávia Gusmão

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 3: 29 outubro 2025

David Marques

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 4: 5 novembro 2025

Teresa Coutinho

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 5: 12 novembro 2025

Teatro da Cidade

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 6: 26 novembro 2025

Aurora Negra

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 7: 3 dezembro 2025

Os Possessos

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Sessão 8: 10 dezembro 2025

Má-Criação

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
(apresentação pública)

Coprodução

Centro Cultural de Belém, Causas Comuns

Ministério do Sensível

**um projeto de mediação,
participação e inspiração**

Criação e coordenação: **Sara Franqueira**

Talvez tenhamos que começar a pensar em proteger, organizar e a reivindicar o que faz de nós Humanos. Talvez possamos utilizar formas de organização da sociedade, colocando-as ao serviço de outras dimensões humanas que não se definem por critérios funcionais, operativos, lucrativos ou reguladores. Talvez seja indispensável organizar um grupo, uma claqué, um movimento, uma comunidade em defesa do que parece dispensável. Do que, ilusoriamente e equivocadamente parece ocioso, inútil ou impotente. Talvez necessitaremos de um *Ministério para o Sensível*, onde se

reivindique a sensibilidade e o sensível como caminho para a Humanidade. Pois criaremos todos juntos um. Um espaço potencial para encontros, governado por pessoas para pessoas, dando lugar a identificações, discussões, iluminações e potenciais inspirações. Este projeto, que se configura em diferentes programas, pretende criar e empoderar uma comunidade de fruidores culturais, que com a arte como cúmplice, abraça a partilha do sensível como forma de construir espaços sociais e políticos.

Departamento do Espectador

O departamento do espectador é um programa de encontros regulares para espectadores com perguntas, inquietações e vontade de partilhar a sua sensibilidade. Em sessões coletivas e mediadas cruzam-se interpretações, experimentam-se ferramentas e metodologias de criação em coletivo, conhecem-se artistas, projetos e práticas. É também um grupo de reflexão sobre o poder “daquele que observa”, poder de imaginar, poder de partilhar, poder de aprofundar e poder de transformar. Juntamo-nos porque o que pode ser visto, dito, ouvido, sentido e até intuído, a partir de experiências artísticas amplia e aprofunda a nossa Humanidade...e isso é tudo menos inútil.

Para todos os públicos acima dos 18anos, em 2 encontros mensais de 2h30 ao sábado.

Repartição da Ficção

Um programa do *Ministério do Sensível* para jovens inconformistas, sejam ou não artistas. Repartir é um ato de distribuição e tem um efeito de disseminação. Repartição é um lugar para essas ações e aqui um contexto para que um grupo de jovens, no interior de uma pequena família de idades semelhantes, possa repartir, multiplicar e ampliar mundos ficcionais.

O grupo assiste a espetáculos, eventuais ensaios ou até confidências de artistas e encontra-se em sessões coletivas onde se debate interpretações, discute programação e discorre sobre linguagens artísticas. E quem sabe se acabarão futuros elementos do departamento do espectador...

Para jovens entre os 15 e os 18anos, em 2 encontros mensais de 2h e 1h30, um ao sábado e outro durante a semana.

Theatre Green Book

CCB quer alcançar a neutralidade de carbono

O Centro Cultural de Belém (CCB) deu mais um passo em direção a um futuro mais sustentável ao aderir ao projeto ETC Theatre Green Book (TGB), uma iniciativa inovadora que tem como objetivo promover práticas mais responsáveis na atividade diária dos teatros europeus. Este compromisso reflete não só a responsabilidade ambiental do CCB, mas também a sua decisão em participar nas mudanças junto da comunidade cultural, ao traduzir e

disponibilizar em português europeu o Livro Verde.

O ETC Theatre Green Book nasceu como um movimento coletivo entre produtores de teatro no Reino Unido, mas rapidamente saltou fronteiras apresentando-se hoje como uma rede global. Atualmente, o projeto conta com o apoio de nove teatros de sete países, funcionando como uma verdadeira «rede de redes». Este movimento inspira comunidades locais e internacionais ligadas ao teatro a adaptarem os seus princípios orientadores, respeitando as especificidades das suas práticas culturais, mas sem nunca perder de vista o objetivo maior: um planeta mais sustentável.

A essência do Green Book resume-se no facto de se tratar da primeira ferramenta de auto-certificação de sustentabilidade no teatro. Esta ferramenta permite que as organizações, independentemente da sua dimensão, monitorem e acelerem o progresso rumo à neutralidade carbónica. Mais do que um guia técnico, o Green Book é um apelo à ação. Incentiva teatros e organizações culturais a reimaginarem as suas produções artísticas, operações diárias e estruturas físicas, sempre com o foco em reduzir consideravelmente as emissões de carbono.

Com o apoio do Green Book, o CCB compromete-se a transformar as suas produções artísticas, as suas operações e o seu edifício para alcançar a meta de zero emissões líquidas. Esta ambição vai além de um simples compromisso ambiental: é uma declaração de esperança para o futuro, um esforço coletivo para proteger o planeta e inspirar outras instituições culturais a seguirem o mesmo caminho.

O CCB acredita no poder da arte como uma ferramenta de transformação social e a sua adesão ao ETC Theatre Green Book é um reflexo claro desta visão. A sustentabilidade não é apenas uma escolha: é uma responsabilidade partilhada.

Acessibilidades

Informações

acessibilidade@ccb.pt

Linha de apoio: (+351) 213 612 435
(chamada para a rede fixa nacional)

Audiodescrição

O Centro Cultural de Belém tem sessões com Audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão. No dia 12 de outubro, o espetáculo de dança *hOLD*, de São Castro e Teresa Alves da Silva, contará com Audiodescrição (mais informação sobre o espetáculo na página X). Também o espetáculo da Companhia Maior com o coreógrafo Victor Hugo Pontes contará com Audiodescrição, no dia 11 de dezembro (mais informação sobre o espetáculo na página X).

Língua Gestual Portuguesa

O Centro Cultural de Belém conta com sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa para pessoas surdas. As sessões dos dias 19, 21, 25 e 27 de setembro do espetáculo *Só Mais Uma Gaivota*, da Formiga Atómica (mais informações na página x), contarão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Todas as sessões do espetáculo *MUDAR*, uma criação de Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva para a estrutura Terra Amarela (consultar página x), contarão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa. No dia 9 de novembro, a sessão de *Ansioliticamente*, de Raquel

Castro (consultar página x), também será interpretada em Língua Gestual Portuguesa.

Programa de Atividades em Braille

O Centro Cultural de Belém conta com dois programas de atividades em braille com a programação de setembro a dezembro de 2025. Pode pedir para consultar a mesma na Bilheteira do CCB e na Receção do MAC/CCB.

Acessibilidade para pessoas neurodivergentes

O CCB informa nas suas várias plataformas de comunicação o público no que diz respeito às condições de luz, som ou outras de um espetáculo, como a utilização de luzes estroboscópicas. Para mais informações, contacte-nos através do e-mail acessibilidade@ccb.pt.

Transportes

Os autocarros da Carris que passam por Belém são o 728, 714, 727, 729 e 751. O Elétrico 15 também serve esta zona. Ao nível de comboios, a linha Cais do Sodré/Cascais passa também por Belém. Existe ainda uma ligação fluvial a partir da estação de Belém.

Política de Preços

Pessoas com necessidades específicas e acompanhantes/cuidadores/assistentes pessoais podem adquirir bilhetes com desconto de 50%. Este desconto aplica-se a bilhetes com valor superior a 12€ referentes a espetáculos e outras atividades culturais de produção e coprodução CCB. Também têm direito ao desconto de 50% pessoas em situação de desemprego e profissionais da área dos espetáculos.

Bilheteira CCB

A Bilheteira do CCB não apresenta constrangimentos, embora tenha uma rampa de acesso com uma inclinação ligeiramente elevada. Parte do balcão de atendimento é rebaixado.

Entradas e Acessos

Com o intuito de melhorar as condições de acesso a todo o público, foram criados lugares reservados para pessoas com mobilidade condicionada nos auditórios e salas do Centro de Congressos e Reuniões.

O acesso ao MAC/CCB poderá ser feito pela Praça do Império ou a partir dos Parques de Estacionamento tendo, para isso, de usar uma plataforma para subir um lance de escadas. A outra opção é subir uma das rampas laterais (do lado do Planetário ou do lado da Avenida Marginal) que, apesar disso, podem ser um obstáculo para quem se desloque sozinho. À entrada existe um ressalto com cerca de 4cm, mas a partir desse momento o percurso não apresenta obstáculos, havendo WC adaptado junto à bilheteira (na zona dos cacifos) e numa área de sofás no piso -1.

O acesso pedonal ao Centro de Congressos e Reuniões poderá ser realizado pela Praça do Império, mas a inclinação da rampa existente poderá ser condicionante para determinados utilizadores sem apoio. Por isso, aconselhamos como alternativa que o acesso pedonal seja feito pelo Caminho Pedonal – Plataforma – Elevador – Centro de Congressos e Reuniões

O acesso ao público com mobilidade condicionada à Fábrica das Artes é feito através da plataforma elevatória que se encontra ao lado da Bilheteira. Esta plataforma dá também acesso à Praça CCB e ao Jardim das Oliveiras. As viaturas de público com restrição de mobilidade devem estacionar no Parque 2, Piso 0 e utilizar a plataforma elevatória que dá acesso ao Caminho José Saramago.

Casas de Banho

O CCB possui várias instalações sanitárias acessíveis em diversos pisos dos diferentes espaços e devidamente sinalizadas (Grande Auditório, Piso 2; Pequeno Auditório; Fábrica das Artes; e MAC/CCB).

Cafetaria / Bar / Restaurantes

O acesso aos bares, cafés e restaurantes não apresentam constrangimentos à mobilidade. Contudo, os balcões não são rebaixados.

Serviços Adicionais

Existem cadeiras de rodas disponíveis no bengaleiro e são disponibilizadas por ordem de chegada.

Redes Internacionais

European Theatre Convention

A ETC é a maior rede de teatros com financiamento público da Europa, com 63 membros em 31 países. Esta rede organiza um vasto leque de atividades para criar um novo teatro, apoiar e desenvolver as pessoas que trabalham no teatro e lutar pelo setor teatral europeu num contexto político. Estas atividades estão abertas a uma combinação de teatros membros, trabalhadores teatrais, artistas de todo o continente e públicos interessados em teatro.

Performart

A PERFORMART – Associação para as Artes Performativas em Portugal tem como força motora a promoção das múltiplas formas de manifestação cultural e artística no âmbito das artes performativas, a representação dos seus membros, quer a nível nacional quer a nível internacional, junto de outras associações, a tomada de posições conjuntas acerca de assuntos relevantes para o setor e seus profissionais e a criação de redes de trabalho que permitam a partilha de conhecimento em diferentes áreas.

World art foundations

Fundada em 2014 por Peter Deckers e Helena Stork, a World Art Foundations (WAF) é a única rede internacional dedicada exclusivamente a fundações de arte. Com um número crescente de mais de 250 instituições associadas, dispersas pela América, Europa, Ásia e África, a WAF é uma plataforma que permite aos decisores partilhar conhecimentos e experiências, bem como disponibilizar soluções e conteúdos focados nas suas visões, missões e objetivos.

Informações Úteis

Bilheteira online

bilheteiraccb@ccb.pt

Bilheteira Centro Cultural de Belém

Praça do Império
1449-003, Lisboa, Portugal
Segunda a domingo
10h00 às 19h00
(+351) 213 612 400 (chamada para a rede fixa nacional)

Em dias de espetáculo, a bilheteira encerra 30 minutos após o início do mesmo.

Como chegar

Autocarro: 728 / 714 / 727 / 729 / 751
Elétrico: 15
Comboio: Linha Cais de Sodré/Cascais, Estação de Belém
Ligações Fluviais: Belém

Parque de estacionamento

Parque 1 (Rua Bartolomeu Dias / existem dois lugares reservados para carregamento de veículos elétricos) e
Parque 2 (Av. da Índia)

Preços

0,50€ período de 15 minutos até à 3.^a hora
0,40€ frações seguintes de 15 minutos
20€ máximo diário
20€ bilhete perdido

Descontos Espetáculos e Conferências

Os descontos apresentados são válidos para a Temporada 2024/2025. Aplicam-se em bilhetes com valor superior a 12€ referentes a espetáculos e outras atividades culturais de produção e coprodução CCB.

No caso dos titulares do Cartão CCB, os descontos aplicam-se em bilhetes com valor superior a 8€.

50 % para pessoas com necessidades específicas e acompanhante

50 % para profissionais da área dos espetáculos *

50 % para pessoas em situação de desemprego *

30% para titulares do Cartão CCB

20% para maiores de 65 anos / menores de 30 anos / estudantes / grupos + 20 pessoas

Bilhetes a 5€ para Escolas Artísticas

* mediante apresentação do comprovativo à entrada

Fábrica das Artes / Preços:

Pequeno Auditório

3,5€ dias úteis / **7,5€** fim de semana

Black Box

3,5€ dias úteis / **7,5€** fim de semana

Espaço Fábrica das Artes

3,5€ dias úteis / **7,5€** fim de semana

Oficinas famílias

3,5€ dias úteis / **7,5€** fim de semana

Oficinas adultos

(9 horas) **20€**

(6 horas) **15€**

Artes nas Férias do Verão

100€ (desconto de 20% com o Cartão CCB)

SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!

ccb.pt/newsletter

